



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO
PRORAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Weblog como fonte de informação para jornalistas

Inara Souza da Silva

Brasília
2006



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO
PRORAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Weblog como fonte de informação para jornalistas

Inara Souza da Silva

Brasília
2006



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO
PRORAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Weblog como fonte de informação para jornalistas

Inara Souza da Silva

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientadora:
Área de Concentração:
Linha de Pesquisa:

Prof. DraSofia Galvão Baptista
Transferência de Informação
Gestão da Informação e do Conhecimento

Brasília
2006



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação Departamento de Ciência da Informação e Documentação Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: *Weblog* como fonte de informação para jornalistas

Área de Concentração: Transferência de Informação

Linha de Pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Ciência da Informação**.

Dissertação aprovada em: 25 de maio de 2006.

Aprovado por:

Prof^a Dr^a Sofia Galvão Baptista
Presidente – Orientador (UnB/PPGCIInf)

Prof^a Dr^a Suzana Pinheiro Machado Mueller
Membro Interno – (UnB/PPGCIInf)

Prof^a Dr^a Andréa Ferraz Fernandes
Membro Externo – (UNIDERP)

Prof. Dr. Antonio Lisboa Carvalho de Miranda
Suplente – (UnB/PPGCIInf)

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.

De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

(...)

(João Cabral de Melo Neto, Tecendo uma manhã)

Agradecimentos

A lista de pessoas que contribuíram para este trabalho é longa e começa em família – Antônio, Dalva e Lidiane – que teve que compreender minhas ausências, isolamento e pressa, muitas e muitas vezes. Pessoas que sempre estiveram a postos quando eu necessitava de um socorro. Tal qual funciona a internet, concluir o mestrado requer uma rede, uma rede de apoio operacional, emocional e psicológico. A lista da rede se amplia e se estende ao meu ambiente trabalho, aos colegas que compreenderam os momentos em que precisei me ausentar para uma viagem ou outra, uma aula ou outra, um imprevisto ou outro, sempre relacionado ao “meu mestrado”. Estes mesmos colegas que prontamente me substituíram quando eu não podia estar presente. A lista vai se ampliando mais quando a questão está relacionada ao compartilhamento, colaboração e troca de informações, características próprias da *web* e também da vida em comunidade. Uma conexão que atinge Brasília e a minha orientadora, Sofia Galvão, que, mesmo de longe, dedicou horas à comunicação via internet para me orientar, chamar a atenção e contribuir para a reta final. A lista faz ligação com os colegas de mestrado, as reuniões, batizadas de “auto-ajuda”, onde compartilhávamos o desespero, o medo, as inseguranças, que sempre resultaram em momentos de piadas e risadas. Neste link se enquadram Gilza, André, Jenner, as minhas incentivadoras diretas Kárita e Márcia, além do Sérgio (esposo da Márcia). O casal acolhia, dava guarida e alimentação para toda a comunidade envolvida, inclusive, eu. A todos vocês que estiveram presentes e acompanharam esta trajetória: muito obrigada!

Sumário

Lista de figuras	viii
Lista de Quadro	ix
Lista de Abreviaturas	x
Resumo	xi
1 Introdução	1
2 Justificativa e Problema	3
3 Questão de Pesquisa e Objetivos	6
3.1 Objetivo geral.....	6
3.2 Objetivos específicos.....	6
4 Revisão de Literatura	8
4.1 Dado, Informação e Conhecimento.....	8
4.2 Comunicação.....	10
4.2.1 Modelos de Comunicação.....	11
4.2.2 Fluxo de Informação.....	15
4.2.3 Fontes de informações.....	20
4.2.3.1 Documentos primários.....	21
4.2.3.2 Documentos secundários.....	21
4.2.3.3 Documentos terciários.....	21
4.3 Internet.....	21
4.3.1 Evolução histórica da internet.....	23
4.3.2 Comunidades Virtuais.....	26
4.3.2.1 Comunidade e Sociedade.....	26
4.3.2.2 Comunidades virtuais.....	27
4.3.2.3 Desafios da Virtualidade.....	30
4.4 Weblog.....	31
4.4.1 Conceito de <i>Weblog</i>	33
4.4.2 Classificação de <i>weblogs</i>	34
4.4.3 História dos <i>Weblogs</i>	36
4.4.4 Ferramenta Coletiva.....	37
4.4.5 Aplicações.....	39
4.4.5.1 <i>Weblog</i> aplicado aos Negócios.....	39
4.4.5.2 Weblog aplicado à Educação.....	43
4.4.5.3 Weblog aplicado ao Jornalismo.....	45
4.5 Perfil informacional do jornalista.....	46
4.5.1 Novas funções para o jornalista.....	48
4.5.2 Weblog de Jornalistas.....	50
4.5.3 Fontes de informação no jornalismo.....	54
5 Procedimentos Metodológicos	57
5.1 Análise de Jornal.....	57
5.1.1 Universo de pesquisa e amostra.....	57
5.2 Entrevistas.....	59
5.2.1 Universo de pesquisa e amostra.....	59
5.2.2 Entrevista semi-estruturada.....	60
5.2.2.1 Roteiro de coleta de dados:.....	60
5.2.3 Observação de weblog.....	61

5.3	Definições Operacionais	61
5.4	Pré-Teste.....	63
5.4.1	Descrição do pré-teste	63
6	<i>Análise dos Dados</i>	64
6.1	Fonte formal	64
6.1.1	Observação do caderno Brasil da Folha de São Paulo	64
6.2	Análise das Entrevistas.....	68
6.2.1	Conclusão sobre as entrevistas	70
6.2.2	Questões adicionadas pelos entrevistados.....	71
6.3	Observação de weblog jornalístico.....	73
6.3.1	Fora do Ciberespaço	75
6.3.2	Fora do veículo tradicional	76
7	<i>Conclusão Geral.....</i>	79
7.1	Estudos futuros	81
8	<i>Anexo A – Roteiro de Entrevista.....</i>	82
9	<i>Referência Bibliográfica</i>	83
9.1	“links” Consultados	87

Lista de figuras

Figura 1: Modelo de interação triangular na comunicação	11
Figura 2: Modelo de comunicação de Shannon e Weaver	11
Figura 3: Modelo de comunicação proposto por Lasswell	12
Figura 4: Modelo de comunicação de DeFleur.....	13
Figura 5: O modelo de comunicação de Tubbs.....	14
Figura 6: O modelo de comunicação multiorientado de Barreto	19
Figura 7: O Memex	24
Figura 8: Weblog "Por um Punhado de Pixels", do brasileiro Nemo Nox.....	32
Figura 9: Blog do Noblat, do jornalista Ricardo Noblat.....	50
Figura 11: Reprodução da página da entrevista de José Dirceu	73
Figura 12: Reprodução da página de O Estado de São Paulo.....	76
Figura 13: Observação da circulação da informação em weblog.....	77
Figura 14: : A circulação de uma informação no weblog, de acordo com a definição do fluxo de informação multiorientado	78

Lista de Quadro

Quadro 1: Modificações na estrutura do fluxo da informação e do conhecimento, proposto por Barreto	17
Quadro 2: Matérias que citaram <i>weblog</i> na Folha de São Paulo durante o mês de fevereiro:	66

Lista de Abreviaturas

Arpanet - Advanced Research Process Agency Network

Arpa – Advanced Research Agency, Agência de Pesquisas Avançadas

Arpa-Internet – Evolução do nome Arpanet, mas é o mesmo significado

CMC – Comunicação global mediada por computadores

com – comercial

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

DW – Deutsche Welle

EUA – Estados Unidos da América

GM – General Motors

gov – governamental

HTML – HyperText Markup Language - Linguagem de Formatação de Hipertexto

IBM - International Business Machine

IP – Internet Protocol ou protocolo de internet

KM – Knowledge Management

Milnet – MILitary NETwork

MIT – Massachusetts Institute of Technology

MS – Mato Grosso do Sul

NSF – National Science Foundation

P2P – Peer-to-Peer

RSS *feeds* - alimentadores automatizados de notícias

SP – São Paulo

SRI – Stanford Research Institute

TCP – Transfer Control Protocol ou Protocolo de Controle de Transmissão

www – World Wide Web

Resumo

A pesquisa estuda os *weblogs* como fonte de informações para jornalistas, diante do pressuposto do fluxo de informação multiorientado. O estudo é exploratório, descritivo, qualitativo e documental e foi dividido em três fases: o monitoramento de um jornal impresso, entrevistas em profundidade com jornalista, além da observação de um *weblog* jornalístico. Os resultados apontaram que os *weblogs* são utilizados como fonte de informação por jornalistas e que o ambiente interativo e que permite o compartilhamento é um fator positivo para a troca emissor-receptor. No entanto, apontam para a necessidade de critérios para o uso desta fonte de informação. O que se constatou é que a informação tem circulado de forma constante entre *weblogs* e veículo de comunicação (fonte formal), ou seja, os *weblogs* têm sido fonte para a imprensa e vice-versa.

Palavras-Chave: Comunicação, Informação, *Weblog*

Abstract

This research studies weblogs as a source of information for journalists, in relation to oriented information flow. The study is exploratory, descriptive, qualitative and documents and was divided in three phases: the observation of newspaper, interviews in depth with journalist, observation of a journalistic weblog. The results had pointed that weblogs are used as source of information for journalists and that the interaction and the sharing are a positive factor for the exchange between sender-receiver. However, they point the need for criteria for using this source of information. The study checked that the information has frequent circulation between weblogs and vehicles of communication (formal source). The weblogs have been source for newspapers and vice-versa.

Keywords: Communication, Information, Weblog

1 Introdução

A internet é considerada a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC). Um meio de comunicação interativo, universal, com a penetração mais veloz que qualquer outro meio de comunicação na história da humanidade. O ambiente digital oferece uma infinidade de recursos que possibilitam a comunicação por meio de *software* social, ferramenta que permite a interação entre grupos.

O *weblog* é um fenômeno recente impulsionado pela internet e que é popularmente conhecido como diário *online*. A ferramenta flexível de fácil manutenção tem atraído cada vez mais usuários. Segundo a empresa Technorati¹, diariamente os internautas criam cerca de 900 mil “*post*”² na *web*, volume que representa dez novos “*posts*” a cada segundo. A crescente utilização da ferramenta faz necessária uma reflexão sobre seu papel na comunicação *online* e suas aplicações, que vão além da simples exposição pessoal. Os *weblogs* agregam as principais características da internet. São utilizados para comunicar, como o correio eletrônico; permitem discutir e analisar assuntos, como os fóruns de discussão; e possibilitam o contato entre pessoas distantes, como os *chats*. Somado a tudo isso, podem ser criados e mantidos por quem tem pouco ou nenhum conhecimento de programação para a *web*.

Nesta possibilidade de trocas e compartilhamento de informações, o *weblog* já tem sido utilizado pelas corporações para incentivar o compartilhamento e troca de informações entre funcionários, registrar conhecimentos tácitos e até para se aproximar mais de seus clientes. No ensino, a ferramenta representa um meio alternativo e barato para que professores e alunos promovam interação e o

¹ site que monitora *weblogs* em todo o mundo

² “*posts*” são blocos de texto, imagens e sons publicados no *weblog*. Geralmente, os mais recentes aparecem no topo da página de cada *weblog*.

entendimento de conteúdos. No jornalismo, o *weblog* também tem ganhado espaço; tanto para a publicação de informações jornalísticas quanto para o debate entre os profissionais e os leitores.

Barreto (1998) define que no meio eletrônico, no ambiente digital, o fluxo da informação passa a ser multiorientado, onde o receptor também é emissor de informação e passa a atuar em todos os elos da cadeia. Não somente na emissão ou recepção da mensagem, mas também no processamento, armazenamento e recuperação. O que se percebe é que a informação publicada em *weblogs* tem se enquadrado neste ciclo definido por Barreto, bem como nas definições de Tubbs; Moss (2003) que vêem, neste contexto de interação, uma comunicação circular, onde todos são comunicadores.

2 Justificativa e Problema

Com o advento da indústria da informação eletrônica, o alvo da Ciência da Informação não é mais “a biblioteca, o livro, o centro de documentação e o documento, o museu e o objeto, mas a informação”. Com esta afirmação Le Coadic (1996, p 21) ressalta que a sociedade da informação precisa de uma ciência que estude as propriedades da informação e os processos de sua construção, comunicação e uso diante de três categorias de mudanças: culturais, econômicas e tecnológicas. Um fenômeno tecnológico que tem sido alvo de estudos é a internet. O ambiente digital permite a criação de canais de informação, compartilhamento e colaboração, num espaço onde o fluxo da informação é multiorientado (BARRETO, 1998). A estrutura da mensagem no ambiente digital coloca o receptor como se estivesse posicionado em diversos elos do processo, como define Tubbs; Moss (2003), não há quem assuma apenas um único papel, de emissor ou receptor, pois todos são classificados e atuam como comunicadores.

Esta mudança estrutural no fluxo da informação, segundo Meadows (2001), ocorre em função da característica principal do canal digital, que é a interatividade, seja ela com computadores ou com outros seres humanos. O autor considera que para a comunicação o que é importante é a totalidade de computadores ligados à rede; a combinação denominada tecnologia da informação. Na comunicação eletrônica, o receptor pode atuar desde a geração da informação, postando um documento; no processamento do documento (documentação); na difusão (comunicação), no uso, assimilação e recuperação da informação com acesso *online* em arquivos por meio das ferramentas de buscas. (BARRETO, 1998).

Como a comunicação é uma atividade essencialmente social, a comunicação entre os indivíduos na internet acaba originando elos e formando grupos ligados por interesses em comum. Castells (2003) define a rede como um conjunto de nós interconectados e esclarece que a formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas que ganhou vida nova com a internet. O autor explica que este agrupamento favorece a aproximação dos indivíduos em ambientes virtuais denominados comunidades virtuais. Para ele, o fenômeno que melhor caracteriza esse novo funcionamento em rede é a convergência progressiva que ocorre entre produtores, intermediários e usuários em torno de recursos e serviços afins. Estas possibilidades fazem com que Meadows (2001) conclua que o uso das tecnologias não representa simplesmente um novo canal de comunicação, mas um conjunto de possibilidades para tratar a informação.

Em meio às possibilidades de comunicação e interação favorecidas pela internet, um fenômeno recente é o *weblog*. As ferramentas disponibilizadas na internet facilitam a criação de *sites*, sem a necessidade de conhecimento de linguagem de programação, têm atraído cada vez mais usuários. Os *weblogs* têm favorecido a formação de grupos *online*, ligando grupos de amigos, familiares, possibilitando a formação de fóruns e espaço para debates.

Os *weblogs*, que começaram como páginas pessoais, passaram a assumir novas funções e aplicações e têm sido adotados como ferramenta corporativa, voltada para os negócios; de ensino, para complementar a aula tradicional na troca entre professores e alunos e também no jornalismo. A flexibilidade e a interatividade oferecidas pela rede permitem que profissionais busquem e compartilhem informações especializadas. Faz parte da cultura dos *weblogs* que as informações publicadas nestes espaços sejam reproduzidas de um *weblog* para outro, formando uma rede ligada por hipertextos³. Nesta rede de comentaristas e produtores de conteúdo, autores e leitores, todos escrevem e lêem-se mutuamente, numa ação coletiva, que resulta em *webrings*. Na definição de Recuero (2002), essa interação mútua promove círculos de “*blogueiros*” (autores de *weblogs*) que interagem através de comentários (observações sobre o conteúdo deixadas pelos leitores) ou

³ Lèvy (1999b) define o hipertexto como um conjunto de nós interligados por conexões, que podem ser palavras, páginas, imagens, seqüências sonoras, entre outros, documentos. As ligações, segundo Lèvy, não são em formato linear, mas “em estrela”, formando uma rede.

trackbacks, sistema que permite que um *weblog* seja *linkado* a outro que lhe fez referência.

No caso do *weblog* de jornalistas, muitas informações exclusivas ou não conseguidas pelos profissionais também acabam sendo publicadas em outros *weblogs*. São informações selecionadas e apuradas, conforme as regras do jornalismo tradicional, sobre fatos de interesse jornalístico. Marcondes Filho (2002) argumenta que o jornalismo é uma profissão que exige cada vez mais competências e cada vez mais domínios diante da infinidade do fluxo elevado de informações que o profissional recebe. Neste sentido, ele acaba por selecionar canais para busca e troca de informações e tem na internet um aliado para a sua rotina. No caso estudado, destaca-se o *weblog*, ferramenta que tem apresentado um uso crescente e "parece" estar tornando-se assim mais um produto de informação na *web*. Muitas vezes, essas informações publicadas em *weblogs* ultrapassam os limites do ambiente digital, ganham espaço na mídia tradicional, com publicação e repercussão nos veículos de comunicação de massa, ou seja, em jornal impresso, rádio ou televisão, estendendo o fluxo da informação para outra esfera.

A crescente utilização de *weblog* faz necessária uma reflexão sobre seu papel na comunicação *online* e as suas aplicações. Na presente pesquisa, o foco são os *weblogs* especializados na área jornalística, o que resulta em seus conteúdos publicados em veículos tradicionais de informação. Ao verificar "se os *weblogs* especializados em jornalismo são utilizados como fonte de informação e a existência de um fluxo de informação multiorientado", a presente pesquisa visa contribuir para o entendimento sobre a forma como a informação circula e é compartilhada entre os *weblogs* especializados, se é uma ferramenta confiável e se as informações trocadas são relevantes, verificando o estudo das propriedades gerais da informação, que vai da análise do processo de comunicação ao uso da informação (Le Coadic, 1996).

3 Questão de Pesquisa e Objetivos

Partindo-se dos argumentos apresentados na justificativa da presente, pesquisa “*weblog* como fonte de informações para jornalistas”, foram formuladas três questões básicas que norteiam o caso em estudo:

- As publicações formais (jornais), utilizam *weblogs* jornalísticos como fonte de informação?
- Qual a opinião dos jornalistas sobre os *weblogs* especializados em informações jornalísticas como fonte de informação, compartilhamento, interatividade, relevância e fluxo de informações?
- Como é caracterizado o fluxo das informações publicadas em *weblogs* jornalísticos e utilizadas em publicações formais?

3.1 Objetivo geral

- Verificar se os *weblogs* especializados em informações jornalísticas são utilizados como fonte de informação e a existência de um fluxo de informação multiorientado.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar se as publicações formais (jornais) utilizam *weblogs* jornalísticos como fonte de informação;

- Identificar a opinião de jornalistas sobre *weblogs* especializados em informações jornalísticas como fonte de informação, compartilhamento, interatividade, relevância, fluxo de informações;
- Verificar a existência de um fluxo de informação multiorientado.

4 Revisão de Literatura

4.1 Dado, Informação e Conhecimento

Para estudar *weblog* como fonte de informação é preciso definir alguns conceitos que fazem parte deste processo. Entre eles, a significação de dado, informação e conhecimento. A informação tem sido à base da Sociedade do Conhecimento, como explica Matos (1982), ela modifica o comportamento humano de forma a tomar decisões mais inteligentes. O autor conclui que o valor da informação está em sua utilidade ou no benefício que oferece e por isso ela se torna valiosa na sociedade atual.

Miranda (2003) lembra que a informação transforma-se operacionalmente em um valor de mercado independente do suporte, levando os países em desenvolvimento a procurarem estratégias para a viabilidade econômica e científica. Na sociedade da informação, a comunicação e a informação tendem a permear as atividades e os processos de decisão nas diferentes esferas da sociedade e em todas as instâncias.

Para Le Coadic (1996), a informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora. Essa inscrição, segundo o autor, é feita por meio de um sistema de signos (linguagem), que associa um significante a um significado, no caso o signo alfabeto. Para ele, o objetivo da informação é a apreensão de sentidos, ou seja, a geração de conhecimento. O

exemplo mais banal de informação, segundo Le Coadic (1996) é a notícia por um jornal, pelo rádio ou pela televisão.

Em sua definição clássica, a informação é “um conjunto de dados organizados de forma compreensível registrado em papel ou em outro meio suscetível de ser comunicado” (ROBREDO, 2003). Os dados são uma referência não elaborada, algo não interpretado, não classificado e não estruturado que forma a informação. Já a informação, em sua definição, é um acréscimo ao conhecimento (MATOS, 1982).

Embora, haja consenso entre os autores sobre a definição de informação, ainda não há sobre onde termina a informação ou começa o conhecimento, mas todos concordam que a informação serve para veicular conhecimento (MCGARRY, 1999) e isso se dá por meio da comunicação. A informação envolve o processo cognitivo: Não há comunicação sem informação, mas pode haver informação sem comunicação (SILVA; RIBEIRO, 2002, apud ROBREDO, 2003). Ou seja, a informação precisa estar representada de forma inteligível para que seja compreendida. Essa representação requer um veículo – em forma de sinais, signos ou símbolos – que crie significado (LE COADIC, 1993, MEADOWS, 2001).

A conversão da informação em conhecimento requer a análise e a compreensão da informação. Isto quer dizer que é preciso ter conhecimento prévio dos códigos de representação de dados e dos conceitos transmitidos num processo de comunicação ou gravados num suporte material.

Le Coadic (1993) esclarece que o estado de conhecimento de cada um está relacionado com a imagem que se tem do mundo e não é produto da atividade cognitiva de um sujeito isolado. O conhecimento se dá quando percebemos uma anomalia e tentamos obter uma informação que corrija esta deficiência, processo que resulta em um novo estado de conhecimento (LE COADIC, 1993). Num ponto de vista semelhante, Popper (1973) acrescenta que o conhecimento começa a partir da tensão entre o conhecimento e a ignorância da descoberta de uma contradição entre o suposto conhecimento e os supostos fatos. Logo, segundo Seltzer (1999), o conhecimento está no usuário e não no conjunto de informações; ele está incorporado nas pessoas e Seltzer conclui que um dado é puramente objetivo e não depende do seu usuário.

A informação é objetiva-subjetiva. Ela é descrita de uma forma objetiva em forma de códigos, mas seu significado é subjetivo e dependente do conhecimento

prévio do usuário para entender os códigos, por exemplo, se não for alfabetizado não irá entender uma palavra escrita. Já o conhecimento é puramente subjetivo - cada um tem a experiência de algo de uma forma diferente. Neste contexto, Cardoso (1996) avalia que a informação tem duas dimensões: a pessoal e a coletiva. A primeira estaria relacionada com as experiências e práticas de vida e a dimensão coletiva estaria relacionada a fragmentos de conhecimento produzido ao longo dos anos.

Seltzer (1999) define o conhecimento como uma abstração interior, pessoal, de alguma coisa que foi experimentada por alguém. Para ele, o conhecimento não pode ser descrito inteiramente, ou seria apenas dado ou informação. Em sua definição, o conhecimento requer uma vivência do objeto, não pode ser inserido em um computador por meio de uma representação, pois senão foi reduzido a uma informação e conclui que o conhecimento é puramente subjetivo, pois cada um tem a experiência de algo diferente.

Em suma, a relação entre o conhecimento e a informação é interativa, pois envolve estruturas cognitivas capazes de assimilar a informação e de situá-las num contexto mais amplo, permitindo outras ações que podem ser empreendidas a partir dela. Logo, o conhecimento não é meramente transmitido, mas sim as informações são transmitidas e transformadas em conhecimento de acordo com a capacidade do receptor.

4.2 Comunicação

A comunicação é fundamental em qualquer tipo de atividade social e tópico de estudo para uma variedade de disciplinas (MEADOWS, 2001). O autor verificou, que embora o termo tenha vários significados para suas diversas aplicações, duas características podem ser consideradas como sendo as mais relevantes: o processo de comunicação e a mensagem comunicada.

Meadows (2001) esclarece que as mensagens são compostas de sinais, entidades que se referem a algo mais do que eles próprios. Os sinais têm que ser organizados em sistemas, chamados códigos, que se relacionam com os sinais de forma que possam ser interpretados pelo receptor da mensagem. O ruído ocorre na comunicação quando sinais não intencionais são inseridos na mensagem e podem tornar a mensagem não inteligível. A Semiótica é a área que estuda os sinais e os

códigos e apresenta um modelo que pode ser aplicado para o estudo da transferência da informação, conforme Meadows (2001).

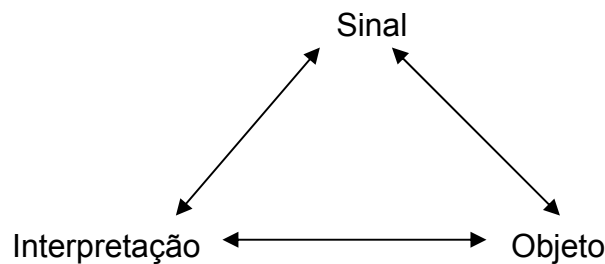


Figura 1: Modelo de interação triangular na comunicação (Meadows, 2001)

A interação entre duas pessoas vai depender da interação entre esses dois tipos de conhecimentos (MEADOWS, 2001). Para o autor, muitos modelos de comunicação foram criados para explicar o processo de comunicação, no entanto, cada modelo está condicionado ao seu escopo e conclui “O importante é escolher um modelo apropriado para a necessidade em particular que se tem” (MEADOWS, 2001, p.242). O autor conclui então que a comunicação envolve a estrutura, conteúdo e método de transferência, enquanto que o processo de comunicação diz respeito à transmissão de informações, idéias e sentimentos.

4.2.1 Modelos de Comunicação

Tubbs; Moss (2004) salientam que a comunicação é um processo de criação de significados entre duas ou mais pessoas. Como definem os autores, a comunicação é um processo intangível que os pesquisadores tentam definir por meio de um modelo tangível. A comunicação então não é meramente transmissionista, como o limitado modelo apresentado por Shannon e Weaver, que descreve a existência de um emissor – mensagem – canal e recepção; sendo que o canal sofre a interferência de um ruído.

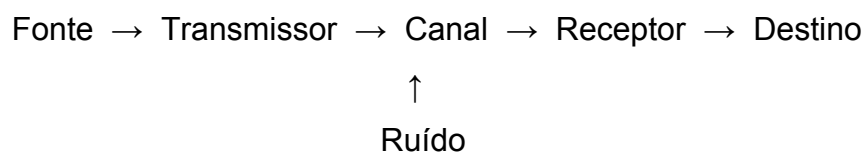


Figura 2: Modelo de comunicação de Shannon e Weaver (1949, apud McQuail, 1993).

Neste modelo, como explica Mc Quail (1993), a comunicação é descrita como um processo onde a fonte da informação produz uma mensagem ou uma série de mensagens para serem comunicadas. Essa mensagem é transformada em sinais, por meio de um transmissor. O sinal é adaptado para o canal até atingir o receptor. Como o sinal é vulnerável, quando ele entra no canal pode sofrer interferências, o que prejudica sua recepção, podendo tornar a mensagem recebida não idêntica à mensagem enviada. O modelo representa a comunicação como um processo linear e não inclui, por exemplo, a retroalimentação, ou seja, quando há o feedback do receptor para o emissor da mensagem.

No entanto, ele leva em consideração o ruído na comunicação. No caso, seria o ruído ocasionado pelo barulho de uma conversa telefônica, já que no modelo, os pesquisadores se basearam na transmissão de sinais elétricos. Sob o ponto de vista da matemática, o modelo Shannon-Weaver inclui o aspecto do ruído, o que apresenta interferência na recepção do sinal e que depois acabou adaptado para qualquer fator da conversação que prejudique sua compreensão. Um exemplo seria quando o receptor não entende uma mensagem em função do uso de um vocabulário desconhecido para ele.

Para Le Coadic (1996), no modelo de Shannon-Weaver, houve uma confusão conceitual em considerar análogos o conceito de informação da teoria matemática da transmissão de sinais elétricos e o conceito de informação do processo de comunicação humana. A anterior é vista por Le Coadic (1996) como autoritária, dirigida e unidirecional. A comunicação é o processo intermediário que permite a troca de informações entre pessoas. “A comunicação é um ato, um processo, um mecanismo e a informação um produto, uma substância uma matéria” (ESCARPIT apud LE COADIC, p. 13).

Conforme McQuail (1993), antes de Shannon-Weaver, em 1948, o cientista político Harold Lasswell já havia proposto um modelo de comunicação, mas em sua fórmula havia um adicional que era o efeito que a comunicação tem sobre os envolvidos no processo. A fórmula de Lasswell é representada conforme a figura 3:

Comunicador → Mensagem → Meio → Receptor → Efeito

Figura 3: Modelo de comunicação proposto por Lasswell (1948 apud Mc Quail. 1993)

Mc Quail (1993) acrescenta que o modelo pode ser descrito com as respostas as seguintes perguntas: Quem? Diz o que? Em que canal? Para quem? Com que efeito? O modelo passou por adaptações por Braddock, em 1958, que acrescentou mais duas facetas: em que circunstâncias? E com que propósito?

O modelo mostra que a comunicação pode modificar a consciência do receptor. Neste caso, o autor explica sob a ótica do funcionamento da comunicação de massa e seus recursos persuasivos. No entanto, as duas propostas, tanto de Lasswell quanto de Braddock, omitem os elementos da retroalimentação, que é característico do processo de comunicação.

O feedback ou retroalimentação só vai ser considerado como elemento fundamental da comunicação anos mais tarde, por meio da proposição de DeFleur em 1970, conforme a figura 4 (MCQUAIL, 1993).

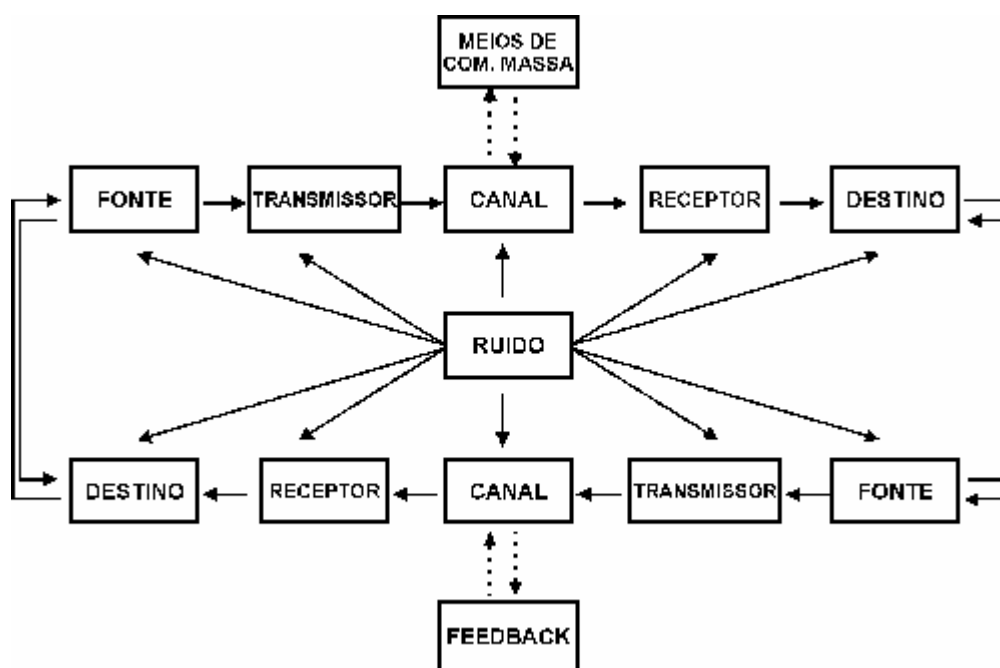


Figura 4: Modelo de comunicação de DeFleur, 1970 (apud McQuail, 1993)

Esta é a primeira abordagem qualitativa do processo de comunicação e que permite ao emissor, por meio do feedback, saber se houve ou não interferência na mensagem comunicada. O modelo também mostra que o ruído está inserido em todos os elementos do processo de comunicação, mas a comunicação ainda é linear. Berlo (1999) alerta sobre a limitação na proposta de interação apenas como ação e reação num processo em forma linear. O autor acrescenta que os termos

'ação' e 'reação' rejeitam o conceito de processo, que é inerente à comunicação, ou seja, a comunicação, na definição de Berlo (1999) tem a interdependência entre a fonte e o receptor, sendo que cada um influencia o outro de forma interativa. O termo interação é adotado por Berlo (1999) para denominar o processo de adoção recíproca de papéis e difere da simples 'ação' e 'reação'.

O primeiro modelo que apresenta a comunicação como um processo não linear foi elaborado por C.E. Osgood e Wilbur Schramm, em 1954. Eles não centram o modelo nos canais, mas no comportamento dos atores envolvidos no processo. O formato circular representa a comunicação interpessoal e não é aplicável à comunicação de massa, onde o feedback é restrito.

Entre os modelos de comunicação encontrados na literatura, Tubbs; Moss (2003) apresentam o que parece ser o mais completo, pois se demonstra o processo como dinâmico e sem distinção entre o emissor e o receptor. Os envolvidos no processo são nomeados "comunicadores", ao invés de emissor ou receptor e ambos são fontes da informação, e simultaneamente receptores da mensagem, como mostra a figura 5:

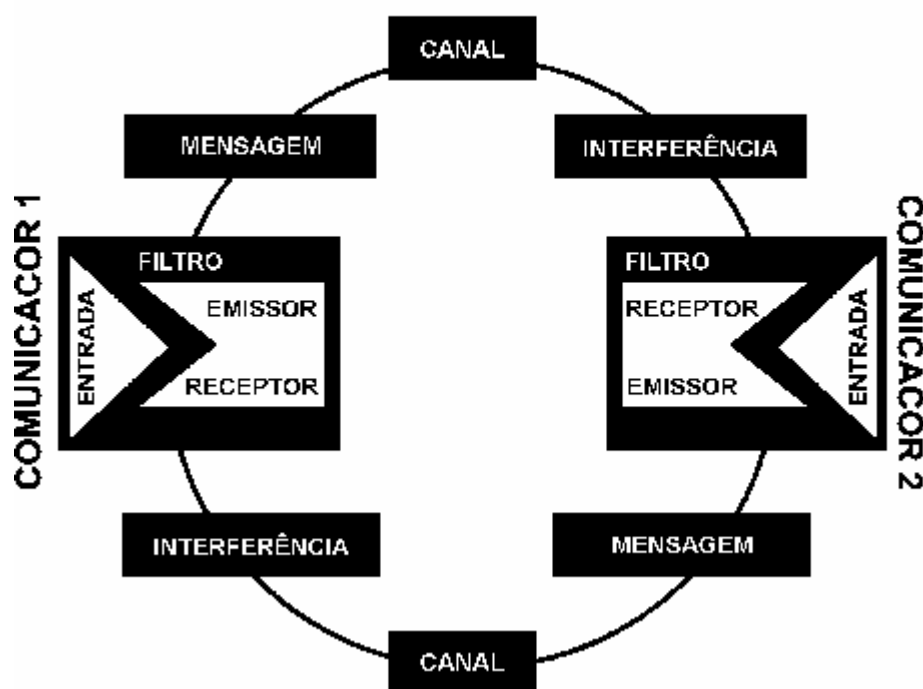


Figura 5: O modelo de comunicação de Tubbs, 2003.

Berlo (1999) explica que à medida que a interação se desenvolve, as expectativas tornam-se perfeitamente interdependente. Na avaliação do autor, a

interdependência entre a fonte e o receptor é condição necessária à comunicação humana, ou seja, a ação da fonte influencia a reação do receptor, que influencia subsequente reação da fonte e os comunicadores, como definem Tubbs; Moss (2003), vão se influenciando mutuamente numa tentativa de conjugar dois organismos pela produção e recepção de mensagens que tenham sentido para ambos. Berlo (1999 p.125) ressalta que “a comunicação interativa busca esse ideal”.

4.2.2 Fluxo de Informação

Com a explosão da informação e a implosão do tempo, ou seja, com o aumento da quantidade de informação produzida e o encurtamento das distâncias por meio das tecnologias da comunicação, surgem os fluxos de informação elevados. O que Le Coadic (1996) define como a circulação de consideráveis quantidades de informação por unidade de tempo. Ele argumenta que com o advento da escrita foi possível a multiplicação da informação por um baixo custo energético. Isso resultou na elaboração de cópias de manuscritos, na imprensa e fotocópia, fatos que permitiram a memorização dos conteúdos, que foram exteriorizados primeiro em bibliotecas.

Esse acúmulo de informações foi definido por Le Coadic (1996) como uma explosão da informação, ou seja, explosão na quantidade de informação. O autor argumenta que o desenvolvimento da eletrônica, seguido da informática e das telecomunicações (comunicação de informações à distância), só fez reforçar estas tendências da nova sociedade da informação.

O advento das telecomunicações, conforme o autor, provoca a implosão do tempo, ou seja, não há mais distância ou fronteira que seja obstáculo. Os sistemas eletrônicos encurtam o tempo de execução das tarefas de busca e processamento da informação (coleta, tratamento e utilização para tomada de decisões). No setor dos meios de comunicação, há 200 anos o jornal era uma coisa rara; com o telégrafo, o fac-símile e o telefone a velocidade da distribuição das notícias aumentou. Mais tarde, o rádio e a televisão permitiram acompanhamento dos fatos ao mesmo tempo em que aconteciam e até começaram a antecipar os fatos. Com a internet o fluxo da informação ganhou mais velocidade e com irradiação em escala planetária.

As técnicas eletrônicas de informação possuem em comum o fato de emitir, receber, veicular e memorizar ou processar sinais elétricos, ou seja, fluxos de elétrons. Essa evolução passou por diversos estágios até chegar à digitalização (LE COADIC, 1996):

- Da eletricidade à eletrônica – transistor, técnicas eletrônicas;
- Do fio de cobre à fibra ótica – redes por cabos e hertzianas;
- Do analógico ao digital – digitalização crescente das técnicas, que permite agora que toda informação possa ser processada, codificada, armazenada e transmitida pelos mesmos processos nas mesmas redes.

Barreto, Castells e Lèvy abordam as diferenças dos fluxos e as mudanças provocadas na comunicação com as inserções das diferentes tecnologias. Desde a cultura da oralidade até a comunicação por meio das redes digitais, onde estão inseridos os *weblogs* (nosso objetivo de estudo) foram muitas as mudanças nas ferramentas utilizadas para a comunicação.

Com o fluxo de informação oral, o tempo e o espaço se realizavam no momento da transmissão da mensagem. O indivíduo era emocional, mítico e ritualista e as mensagens eram transmitidas em espaços acústicos e simultâneos. Na escrita, a tipografia acabou com a cultura tribal e multiplicou as características da cultura escrita no tempo e no espaço. O indivíduo passa a observar e interpretar a mensagem individualmente, de forma linear e contínua (BARRETO, 1998).

Com a chegada da comunicação eletrônica com a digitalização, a delimitação do espaço e do tempo sofreu nova transformação. Foi criada nova relação entre a informação e os usuários, mudanças inseridas pelos aparatos tecnológicos que permitem “a interação individual com a memória da informação e a conectividade aos diferentes espaços e acessos a essa informação” (BARRETO, 1998, p. 124).

Na mesma linha, Lèvy (1999 c) classifica as tecnologias de comunicação conforme a interação permitida. A comunicação de massa – imprensa, edição, rádio e TV – é definida como um modelo de um para todos, onde não há reciprocidade, nem interação. O receptor só é ouvido caso se manifeste por outros meios, como um telefonema ou uma carta enviada para a emissora/empresa. O correio e o telefone são definidos por Lèvy (1999 c) como uma comunicação de um para um, permitindo

a reciprocidade e a interação. Já, o ciberespaço⁴ combina tudo: reciprocidade, interação e partilha contexto, num modelo de todos para todos, como uma conferência eletrônica. O autor esclarece que o suporte digital permite novos tipos de leituras e de escritas coletivas. Neste contexto, Castells (1999) classifica como uma comunicação de muitos para muitos, onde todos são emissores e receptores de mensagens num ambiente flexível e interativo. Diante da análise em relação às diversas fases da comunicação, Barreto (1998) propõe um quadro que apresenta as modificações na estrutura do fluxo de informação e conhecimento, conforme mostra o quadro 1:

Quadro 1: Modificações na estrutura do fluxo da informação e do conhecimento, proposto por Barreto (1998, p.124)

Tipo de Comunicação			
Característica	Oral	Escrita/ tipográfica	Eletrônica
Fundamental	Linguagem	Escrita alfabética, texto linear	Interação homem - máquina
Tempo de Transferência	Imediato	Interação com o texto	Tempo real = imediato
Espaço de transferência	Convivência auditiva	Geográfico	Redes integradas
Armazenamento	Memória do emissor	Memórias físicas construídas	Memórias magnéticas
Relação de audiência	Um para vários	Um para muitos	Muitos para muitos
Estrutura da informação	Interativa com o emissor, uma linguagem	Alfabética, seqüencial, Um tipo de linguagem	Hipertextual com diferentes tipos de linguagens
Interação com o receptor	Conversacional,	Visual, seqüencial, linear	interativa e interconectiva

⁴ Espaço-tempo eletrônico criado pelas redes de comunicação e computadores multimídia. (ROSNAY, 1995 apud CAVALCANTI, 1996). O termo foi criado pelo novelista Willian Gibson em sua obra *Neuroromancer* em 1984. Para ele, o ciberespaço seria “uma rede futurista de computadores que as pessoas usariam conectando seus cérebros a ela”, o que seria uma rede. (CAVALCANTI, 1996, p.105).

	Gestual		
Conectividade (acesso)	Unidirecionado	Unidirecionado	multidirecionado

Ao analisar o quadro, Barreto (1998) verifica que há coincidências em comparação do contexto da comunicação oral com a comunicação eletrônica. Uma delas é que a comunicação no ambiente digital pode assumir uma intencionalidade tribal, como é o caso das listas de discussão, além de ser imediata e interativa. Castells (1999) acredita que a informalidade e o anonimato que o meio proporciona estimulam uma nova forma de oralidade e acrescenta outros pontos coincidentes. Em sua avaliação, a comunicação mediada pelo computador representa um retorno também da mente tipográfica e a recuperação do discurso racional construído, que pode ser representado pelo correio eletrônico.

Barreto (1998) explica que no fluxo tradicional, a mensagem é repassada por meio de um canal para o receptor através do sistema de comunicação. Este sistema ele define como caixas que incluem o documento (geração de informação), a documentação (processamento da informação – armazenamento e recuperação) e a comunicação (difusão/disseminação). Em todas as caixas existe uma mediação dos profissionais de interface e percebe-se o ocultamento da informação (processo de armazenamento e recuperação). Ainda pelo modelo tradicional, uma outra forma da mensagem chegar até o receptor seria diretamente. Da caixa do documento, ou seja, da geração da informação diretamente ao receptor.

Já a comunicação eletrônica modifica estruturalmente o fluxo de informação, pois permite a interação do receptor com a informação em tempo real, que passa a se posicionar como se estivesse no interior do fluxo, com interação direta, conversacional e sem intermediários. É o receptor que define a sua própria interação com o fluxo de informação e passa a julgar a relevância e o valor da informação acessada. O fato do receptor poder se deslocar de um espaço de informação para outro espaço de informação no momento em que desejar e definir seu próprio caminho no ambiente é denominado por Barreto como interconectividade. Com maior velocidade e melhor possibilidade de acesso, o receptor pode se posicionar em diferentes elos da cadeia, conforme modelo desenvolvido por Barreto (1998), na figura 6.

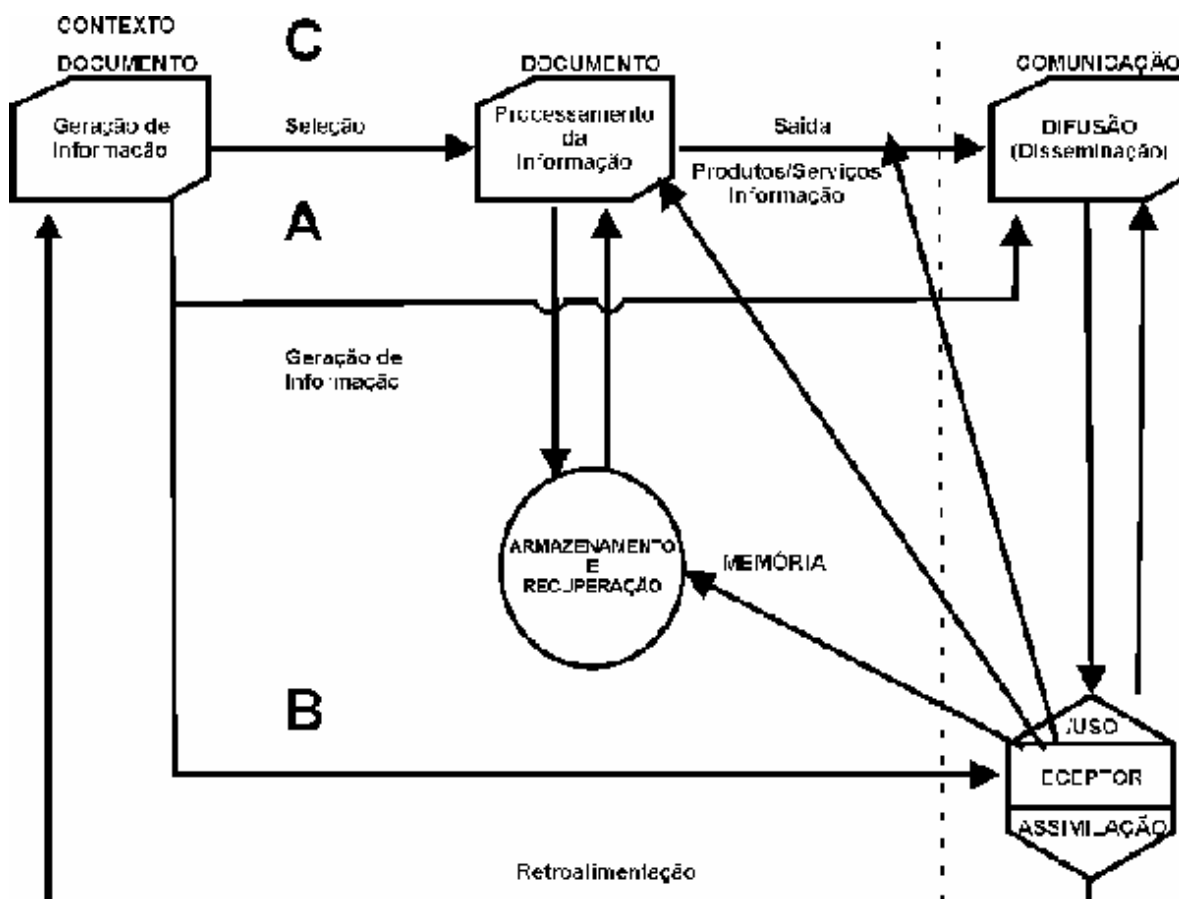


Figura 6: O modelo de comunicação multiorientado, de Barreto (1998, p. 126)

Com a flexibilidade do meio digital, o receptor pode também elaborar a informação em diversas linguagens (texto, imagem e som). Por meio das ligações hipertextuais, ele se desprende da estrutura linear da informação, que passa a ser associativa. Essa flexibilidade da rede lhe permite que acesse e recupere informações armazenadas de acordo com sua vontade.

Como define Barreto (1998), o modelo é basicamente formado por elementos que fazem parte do fluxo tradicional de informação, sendo que a mensagem é repassada através do canal A por meio do sistema de comunicação, ou atingem o receptor diretamente, pelo canal B. Uma outra via, pelo sistema tradicional, seria pelo fluxo completo em C, passando por todas as caixas superiores. No entanto, no fluxo multiorientado, o receptor pode acessar a mensagem/informação de acordo com sua vontade. Pode emitir, recuperar e receber informações no elo da cadeia que achar conveniente. Este modelo, onde o receptor também pode ser emissor e ao mesmo tempo recuperar e arquivar documentos, é o que adotado como pressuposto neste trabalho. O ambiente digital tem esta característica de transformar todos em comunicadores, conforme foi definido

anteriormente no modelo de Tubbs, que apresenta a comunicação humana como um processo dinâmico, sem distinção entre emissor e receptor, classificando todos os envolvidos como comunicadores. Já neste caso da comunicação eletrônica, o modelo adotado é da CMC (Comunicação Mediada por Computadores), onde seres humanos se conectam por meio das máquinas.

4.2.3 Fontes de informações

Diante da infinidade de informação disponível nos diversos suportes faz-se necessária à adoção de critérios para a consulta de fontes ou documentos e o posterior uso ou reprodução destas informações. Cunha (2001) explica que nesta busca, é preciso passar obrigatoriamente por dois estágios: a identificação do documento e sua leitura. No trabalho jornalístico o procedimento tornou-se rotina e quanto maior a diversificação das fontes, melhor a “garimpagem” na busca de informações consideradas relevantes para a publicação na imprensa.

Como o conceito de fonte de informação é muito amplo, Cunha (2001) decidiu limitá-las em fontes formais e semiformais, mas sua análise é voltada para aquelas que confirmem qualquer conhecimento e que permitam ser incluídas numa determinada compilação bibliográfica. No entanto, ele ressalta que as informais também são importantes. Entre elas estão enquadradas aquelas que incluem o contato pessoal, cartas comunicações orais e mensagens eletrônicas. Nas ciências, por exemplo, o chamado “colégio invisível dos cientistas” responde por 50 a 80% das informações em circulação.

As fontes são divididas por Grogan (1970 apud CUNHA, 2001) em três categorias que incluem os documentos primários, secundários e terciários. O autor (1970 apud CAMPELLO, 1988) explica que as fontes primárias são desorganizadas e dispersas em relação a sua produção, divulgação e controle. Embora tenham importância, algumas dessas fontes são difíceis de serem utilizadas, fato que gerou o aparecimento das fontes secundárias. Estas últimas têm a função de facilitar o uso do conhecimento disperso nas primárias e são representadas, por exemplo, pelas enciclopédias ou dicionários. Já, as terciárias são as que têm a função de guiar o usuário da informação para as fontes primárias e secundárias como bibliografias e periódicos de indexação.

4.2.3.1 Documentos primários

O primeiro grupo inclui novas informações, novas interpretações de idéias ou fatos acontecidos, como relatórios de expedição científica ou literatura comercial. Nesta categoria estão os congressos e conferências, a legislação, nomes e marcas comerciais, normas técnicas, patentes, periódicos, projetos e pesquisas em andamento, relatórios técnicos, teses, dissertações e traduções.

4.2.3.2 Documentos secundários

Já a categoria dos documentos secundários abrange material que contém informação sobre documentos primários, ou seja, são os organizadores que guiam o leitor para os documentos primários. O grupo é formado pelas bases de dados e banco de dados, bibliografias e índices, biografias, catálogos de bibliotecas, centros de pesquisas e laboratórios, dicionários e enciclopédias, feiras e exposições, filmes e vídeos, fontes históricas, livros, manuais, internet, museus, arquivos, coleções, prêmios, honrarias, redação técnica, metodologia científica, siglas, abreviaturas, tabelas, unidades, medidas e estatísticas.

4.2.3.3 Documentos terciários

As fontes terciárias têm a função principal de ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, isto é, são indicadores ou sinalizadores de localização de documentos primários e secundários. No grupo se enquadram as bibliografias de bibliografias e as bibliotecas e centros de informação

4.3 Internet

A internet é considerada a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC). Um meio de comunicação interativo, universal, com a penetração mais veloz que qualquer outro meio de comunicação na história da humanidade. Em apenas três anos de funcionamento nos Estados Unidos a rede atingiu 60 milhões de pessoas. Marca que o rádio levou 30 anos para atingir e que a televisão só foi alcançar em 15 anos (CASTELLS, 1999).

O suporte digital permite novos tipos de leituras e de escritas coletivas, que se estendem entre a leitura individual de um texto e a navegação em vastas redes digitais onde um grande número de pessoas anota e conecta os textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais (LÈVY, 1996). A virtualização, como explica Castells (1999), começa com a criação do alfabeto, que transforma qualitativamente a comunicação humana e preenche lacuna entre discurso oral e escrita. A invenção é classificada pelo autor como promotora de uma comunicação cumulativa, baseada no conhecimento. Fase que ele classifica como a Galáxia de Gutemberg, onde o texto escrito e a tipografia são tidos como o suporte para o conhecimento, já que é detido por poucos.

Já no século 20, nasce o que Castells (1999) classifica como a Galáxia de Mc Luhan, com a comunicação eletrônica, por meio do filme, rádio e depois a televisão. Neste período “a nobre comunicação alfabética” começa a perder espaço para a comunicação sensorial. O autor explica que com a TV, os outros meios não desapareceram, mas foram reestruturados e reorganizados (rádio, filmes, jornais, revistas e livros). Essa fase caracteriza a concretização da mídia de massa

Já mais tarde, com o nascimento da Comunicação Mediada por Computadores surgem experimentos em larga escala, que anunciam a supervia da informação. A internet trouxe alcance mundial para comunicação individualizada e interativa, além da informalidade e capacidade auto-reguladora de comunicação, ou seja, muitos contribuem para muitos, mas cada um tem sua própria voz e espera resposta individualizada (CASTELLS, 1999). A grande rede favorece a criação de novas comunidades, novas formas de sociabilidade. O reordenamento da sociedade, segundo Castells (1999), ocorre em escala global, pois envolve as ligações entre computadores, telecomunicações e grande mídia em todas as suas modalidades. Com isso, consórcios regionais globais foram formados e dissolvidos em escalas gigantescas. Companhias telefônicas, operadoras de TV a cabo, editoras, jornais, empresas de computadores, provedores se uniram e formaram blocos. O autor define que a sociedade em rede é uma sociedade capitalista. É estruturada, em grande medida, em uma rede de fluxos financeiros. Para Castells (1999), o capital financeiro depende do conhecimento e da informação gerados e aperfeiçoados pela tecnologia da informação. Por isso, ele considera que o capital financeiro, a alta tecnologia e o capital industrial estão cada vez mais interdependentes.

4.3.1 Evolução histórica da internet

Antes de alcançar a penetração que se pode observar na atualidade, a internet percorreu um longo caminho na história, desde a montagem da ARPANET, uma rede de computadores criada pela ARPA (Advanced Research Projects Agency), na década de 60, até a explosão da *www* (*world wide web*). Castells (1999) define que o desenvolvimento da grande rede foi consequência de uma fusão entre fatores distintos: a estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural.

A Arpanet foi criada em 1969, anos depois da União Soviética lançar seu primeiro foguete ao espaço, o Sputnik, em 1957. O esforço visava encontrar uma maneira de permitir vários centros de computadores e grupos de pesquisas a compartilharem *online* o trabalho desenvolvido e alcançar superioridade tecnológica militar por meio de pesquisas em computação interativa. O projeto se propunha a formar uma rede de comunicação descentralizada, flexível para a construção de um sistema militar de comunicação capaz de sobreviver a um ataque nuclear. Em 1969, os primeiros nós da rede estavam na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no SRI (*Stanford Research Institute*), na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, e na Universidade de Utah.

O projeto da Arpanet foi implementado por uma empresa de engenharia fundada por professores do MIT (Massachusetts Institute of Technology) e em 1972 o projeto da Arpanet teve uma apresentação bem sucedida numa conferência internacional em Washington. Em 1973, surgiu a proposta da utilização de protocolos padronizados para acessar a rede. Durante um seminário em Stanford, um grupo de pesquisadores apresentou, pela primeira vez, o projeto de TCP (Protocolo de Controle de Transmissão), proposta que foi aperfeiçoada em 1978 com a divisão do protocolo em duas partes com o acréscimo do IP (Protocolo de Internet), que gerou o protocolo TCP/IP, utilizado atualmente para a operação da internet. Como a Arpanet era uma rede aberta, o Departamento de Defesa Norte-americano decidiu criar, em 1983, a Milnet (MILitary NETwork), uma rede independente para uso militar. Foi neste contexto, que a Arpanet tornou-se Arpa-Internet, que era voltada para as pesquisas.

Em fevereiro de 1990, a Arpanet estava obsoleta e foi retirada de operação, o que libertou a internet do ambiente militar e a rede passou a ser administrada pela NSF (National Science Foundation). Esse controle durou pouco, já que na década de 90, muitos computadores dos Estados Unidos já tinham a capacidade para acessar a rede. Em 1995, a NSF foi extinta e houve a privatização dos serviços de internet, com muitos provedores oferecendo serviços de acesso. No entanto, o que permitiu o avanço no uso da internet foi a criação da www, desenvolvida pelo inglês Tim Berners-Lee. O pesquisador do Laboratório Europeu para a Física de Partículas, de Genebra, conseguiu favorecer o acesso à rede sem o uso de protocolos (TCP IP), mas com acesso por meio semântico. Todo endereço na web começa com www, seguido de palavras, com a extensão que identifica a origem da página, se é comercial (com), governamental (gov), entre outros.

A proposta de associar fontes de informações através da computação interativa já era defendida por Vannevar Bush em seu sistema Memex, em 1945. Embora o hipertexto tenha começado a ser desenvolvido nos anos 80, a concepção da noção surgiu com Bush quando propôs o Memex, sistema que previa a consulta à resposta imediata a pedidos de informações, mediante dispositivos que se encontrariam na própria mesa do pesquisador, conforme mostra a figura 7.

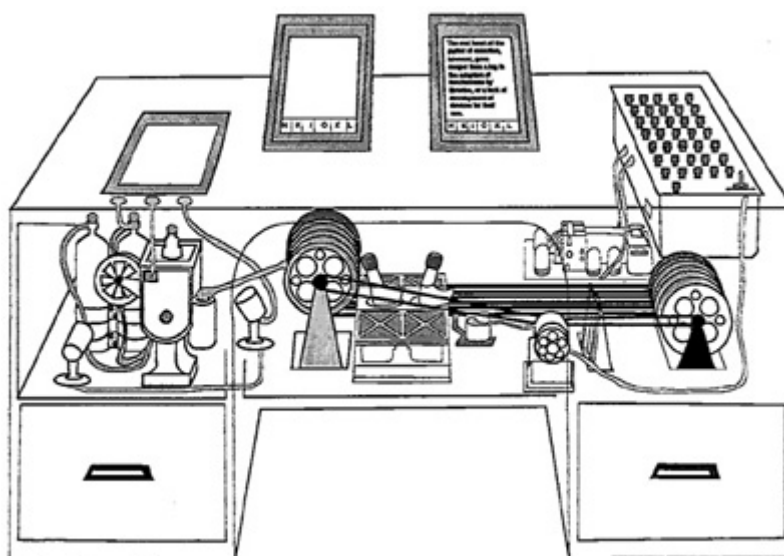


Figura 7: O Memex tem formato de mesa, onde o pesquisador buscaria informações com resposta imediata

O termo hipertexto, no entanto, só foi criado em 1965 por Ted Nelson. Influenciado pelo Memex, Nelson imaginou e projetou o Xanadu, que seria uma biblioteca composta por um hipertexto universal e democrático. O Xanadu deveria

concretizar o seu sonho de criar um documento a partir de um vasto conjunto de idéias não estruturadas, não seqüenciais e de todos os tipos, ou seja, a proposta era reunir e vincular todos os documentos do planeta (CAVALCANTI, 1996).

A interface gráfica da web surgiu na década de 90, projetada pelo estudante Marc Andressen, da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. O Mosaic foi o primeiro navegador pré-Netscape, pela primeira vez era possível captar e distribuir imagens pela internet, e não apenas textos, favorecendo inclusive a utilização de multimídia. Logo, o Mosaic foi transformado na Netscape Communication, que oferecia o primeiro navegador comercial da internet, o Navigator Netscape, em dezembro de 1994. O produto era distribuído gratuitamente pela internet para fins educacionais, mas era vendido para quem quisesse utilizá-lo para fins comerciais. Depois do sucesso do Netscape, a Microsoft entrou no mercado de internet, e em 1995, lançou o software Windows 95, que introduzia no computador pessoal seu próprio navegador, o Internet Explorer, que hoje é o mais popularmente usado no mundo.

Castells (2003) acrescenta, que embora a internet tivesse começado a ser formada na década de 60 e por muito tempo estava sendo utilizada, para a maioria das pessoas, foi em 1995 que a internet nasceu de fato e entrou para a rotina das empresas e para o usuário comum. No Brasil, foi em 1995 também, que houve a abertura da internet comercial. A rede já era utilizada desde 1982 no país, mas somente nas universidades brasileiras.

A espinha dorsal (backbone) da internet no Brasil começou a ser implantada, no início da década de 1990, pelo consórcio denominado Rede Nacional de Pesquisa (RNP). O consórcio foi criado pelo CNPq, do Ministério da Ciência e Tecnologia, com função similar à proposta do National Science Foundation, que criou NSFnet, nos Estados Unidos, para integrar cientistas e pesquisadores de várias instituições.

Além disso, em maio de 1995, o Ministério das Comunicações e o Ministério da Ciência e Tecnologia autorizaram a constituição do Comitê Gestor da Internet, órgão destinado a tornar efetiva a participação da sociedade nas decisões envolvendo a implantação, administração e uso da internet no Brasil.

O comitê conta com a participação dos dois ministérios, além de entidades operadoras e gestoras de espinhas dorsais, de representantes de provedores de

acesso ou de informações, de representantes de usuários, e da comunidade acadêmica.

Desde a implantação e a sua abertura comercial em 1995, o número de internautas no Brasil cresce mês a mês. Somente em fevereiro de 2006 o salto foi de 10% em comparação a janeiro. Enquanto o número de usuários residenciais da web somava 12 milhões no primeiro mês do ano, em fevereiro o índice subiu para 13,2 milhões de internautas, conforme levantamento do Ibope/NetRatings, divulgado em 17 de março.

O tempo de navegação em fevereiro foi de 17h33min, contra 18h em janeiro. O instituto explicou que a redução tem relação com o número de dias do mês e os feriados de carnaval. Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil, em fevereiro, o número de domínios ".br" chegou a 880.782 contra 866.969 em janeiro. Os websites que apresentaram no mês maior uso foram os de "educação e carreira" (14,3%) e "família e estilo de vida" (11,1%).

4.3.2 Comunidades Virtuais

4.3.2.1 Comunidade e Sociedade

O ser humano é essencialmente um ser social e para explicar o conceito de comunidades virtuais, formadas a partir da comunicação mediada por computador, se faz necessária à definição do termo comunidade, que há muito tempo tem sido estudado pelos pesquisadores e estudiosos da área social. Lemos (2005) e Primo; Recuero (2003) argumentam que o principal debate sobre a questão foi levantado no século 19 pelo sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, que procurou diferenciar os termos sociedade e comunidade. Enquanto a primeira representa agrupamentos sociais característicos de áreas urbanas, das relações econômicas e de poder na cidade moderna, a comunidade representa o estilo tranqüilo do campo, com as relações familiares e de proximidade. Tönnies define como *Gemeinschaft* as relações sociais motivadas por uma vontade natural e gregária, que se estabelece entre membros da família e amigos; e *Gesellschaft* as movidas por interesses individuais. Esta última surge com a nova sociedade egressa da Revolução Industrial.

Para Tönnies, as vontades humanas são de dois tipos: a essencial (instintiva, orgânica) e a arbitrária (forma deliberada, proposital) que formariam a *Gemeinschaft* (comunidade) e a *Gesellschaft* (sociedade ou associação). O sociólogo alemão classifica a comunidade como o estado ideal dos grupos humanos e a sociedade seria a sua corrupção.

Primo; Recuero (2003) apontam que a idéia de “tipos normais” (Tönnies chamava de “tipo ideal”) é semelhante à do sociólogo Max Weber, que defende que a comunidade e a sociedade não são mais necessariamente alternativas de integração do indivíduo, mas que a maior parte das relações sociais tem em parte o caráter de comunidade, em parte o caráter de sociedade. Os elementos que caracterizariam a comunidade, portanto, são o sentimento de pertencimento, a territorialidade, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, caráter corporativo e emergência de um projeto comum, e a existência de formas próprias de comunicação (PALÁCIOS, 1998).

Hamman (1998 apud Recuero; 2001) aponta que Ray Oldenburg define que as comunidades estão em processo de desaparecimento da vida moderna em função da falta dos lugares, definido por ele como “*great good places*”. O autor classifica três tipos de lugares na vida cotidiana: o lar, o trabalho e os “terceiros lugares” (a igreja, o bar, a praça). Este último seria os locais mais propícios para a relação social por oferecer o “sentimento de comunidade” e o “lazer”. Ambientes onde as pessoas encontram-se de modo desinteressado para se divertirem. Em sua pesquisa, Oldenburg revelou que existe um declínio dos “terceiros lugares” na América e no Ocidente. Fato que ele atribui ao modernismo. Essa ausência de sentimento de comunidade, segundo Rheingold (2005), é um dos estímulos para a formação de comunidades virtuais.

4.3.2.2 Comunidades virtuais

As novas tecnologias de comunicação têm reconfigurado os espaços físicos e os espaços dos fluxos (CASTELLS, 2003). Na comunicação mediada por computador este espaço social é organizado em rede, numa topografia de intercâmbio de informação que conecta pessoas e organizações, mas sem descontextualizá-las de seu ambiente de origem. Rheingold (2005), um dos

primeiros autores a utilizar o termo “comunidade virtual” para definir a relação social de grupos no ciberespaço⁵, define as comunidades virtuais como agregados que surgem na internet quando há uma quantidade suficiente de participantes em discussões públicas durante um tempo suficiente, com sentimento humano na formação de relações pessoais no ciberespaço. Nesta prática, cada pessoa mantém seu contexto de origem, mas Rheingold (2005) entende que os vínculos firmados pela rede são como “contratos sociais”, mantidos pela comunicação e interações.

Ao utilizar o termo “comunidade virtual”, Rheingold não considera a definição da sociologia clássica que tem a comunidade como um agrupamento humano dentro de uma base territorial. Por este motivo, o uso da palavra “comunidade” gera controvérsias, uma vez que o ciberespaço não dispõe de uma base territorial (Weinrech, 1997 In Jones, 1997, apud Primo;Recuero, 2003).

Jones (1977 apud PRIMO; RECUERO, 2003) aplica dois usos mais comuns do termo “comunidade virtual”. Um que se refere à comunidade virtual por meio dos grupos que usam a comunicação mediada pelo computador: “comunidade virtual – lugar no ciberespaço” (chats e e-mails), e outro que as define “*virtual settlement*” (estabelecimento virtual). A segunda definição do autor é referente às novas formas de comunidade criadas pelo uso do suporte digital, que seria a verdadeira “comunidade virtual”. Para o autor, a existência de um estabelecimento virtual geralmente está seguida da existência de uma comunidade virtual associada. O estabelecimento virtual é um ciber-lugar, simbolicamente delineado por um tópico de interesse, onde ocorre uma porção significativa de interatividade, como a ocorrida nos *weblogs*.

Entre as características do ambiente Jones enumera a interatividade com trocas comunicativas; uma variedade de comunicadores, um espaço público comum e uma quantidade de membros relativamente constante. Primo; Recuero (2003) argumentam que a proposta de Jones traz de volta a idéia de que a comunidade virtual pressupõe a existência de um espaço público, não que ele constitua a comunidade, mas a completa, sendo o “lugar” onde se desenrola a maior parte da interação. Um espaço limitado por fronteiras simbólicas.

⁵ Ciberespaço é, conforme proposta de Pierre Lévy (1999 a), o novo meio de comunicação que emerge da interconexão mundial das redes de computadores. Engloba não somente a infra-estrutura material da comunicação digital, como também o oceano de informações que abriga os seres humanos que por ele navegam e também o alimentam. A cibercultura designa o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensar e de valores que se desenvolvem paralelamente ao crescimento do ciberespaço.

Castells (2003) explica que as comunidades virtuais trabalham com base em duas características. A primeira é o valor da comunicação livre e horizontal e de muitos para muitos, ou seja, todos são emissores e receptores da informação. O segundo valor é o compartilhado que surge das comunidades virtuais com a “formação autônoma de redes”; facilidade usada amplamente, principalmente, por meio dos *weblogs*. O autor argumenta que a rede oferece a “possibilidade de qualquer pessoa encontrar sua própria destinação na net. E não a encontrando de criar e divulgar sua própria informação” (CASTELLS, 2003, p.8). Na definição de Lèvy (1999 b) esse pluralismo permitido pela rede oferece condições para que vozes minoritárias, opositoras ou divergentes possam ser escutadas.

Para Castells (1999) é significativo o esforço por manter uma rede de comunicação que aproxime as individualidades para a construção de identidades coletivas. O fenômeno que melhor caracteriza esse novo funcionamento em rede é a convergência progressiva que ocorre entre produtores, intermediários e usuários em torno de recursos e serviços afins ligados por meio da rede de informação promovida pela internet.

A interatividade não é uma característica do meio, mas está relacionada às trocas comunicativas; ela ocorre na rede em função da extensão em que as mensagens relacionam-se umas com as outras em uma seqüência e especialmente na extensão em que mensagens posteriores têm relação com as anteriores (Jones, 1997, apud Recuero, 2001). Para compreender a interatividade nos meios informáticos, Primo (1998) propõe dois conceitos: o de interação mútua e o de interação reativa. Ele defende que é preciso partir da interação humana para compreender a interatividade na comunicação entre humano – computador.

Em sua definição, a interação mútua se dá de forma negociada, que acontece entre agentes, num sistema aberto, forma um todo global, não dispõe de partes independentes. Ela está em constante definição e se altera de acordo com o contexto, num fluxo dinâmico. Já a interação reativa ocorre num sistema fechado, apresenta relações lineares e unilaterais, o reagente tem pouca ou nenhuma condição de alterar o agente, o sistema não percebe o contexto e, portanto, não reage a ele. Esse tipo de interação não efetua trocas com o ambiente, o sistema não evolui e se restringe ao estímulo-resposta.

Em relação à operação desses dois tipos de interação, a mútua ocorre por meio de ações interdependentes. Cada agente ativo influencia o comportamento do

outro, e tem também seu comportamento influenciado e a relação se transforma. Enquanto, os sistemas reativos se fecham na ação e reação, que passa a ser repetida em cada interação.

Segundo Primo (1998), nas reações mútuas está concentrado um “poderoso canal ou meio que é o computador ligado em rede”. A interação mútua é, portanto, a interação onde as trocas não são predeterminadas, mas caóticas, complexas e imprevisíveis, como ocorre nos chat de internet.

4.3.2.3 Desafios da Virtualidade

Lèvy (1999 c) acrescenta que o ciberespaço combina tudo: reciprocidade, interação e partilha de contexto, onde todos contribuem com todos, como ocorre, por exemplo, numa conferência eletrônica. Essa característica da rede com endereçamento por centro de interesse e a comunicação de todos para todos o autor classifica como condições favoráveis ao desenvolvimento de processo de inteligência coletiva. Até então havia intermediários institucionais, que faziam a filtragem e a difusão entre autores e consumidores de informação, como os jornais, as emissoras de televisão e as editoras. Com a nova configuração da comunicação mediada por computadores existe uma nova situação onde há a desintermediação.

O autor ressalta que numa lógica comunicacional, quando há concentração ou monopólio, há risco que se estabeleça uma verdade oficial. Já com o pluralismo, ele define que há condições para que vozes minoritárias e opositores ou divergentes possam ser escutadas. Porém, Lèvy (1999 c) lembra que o anonimato propiciado pela rede provoca risco e favorece os boatos. Hourihan (2001 apud Silva, 2003) alerta para o fato que a ausência de padrões pode ser perigosa. O problema apontado por Castells (1999) é a qualidade de uso dessa rede.

Maffesoli (2001) acrescenta que existe um aspecto racional e utilitário da Internet, mas isso representa apenas uma parte do fenômeno. O mais importante, segundo o autor, é a relação, a circulação de signos e as relações estabelecidas na rede, pois o imaginário é alimentado por tecnologias e conclui que “não é por acaso que o termo imaginário encontra tanta repercussão neste momento histórico”. O autor ressalta que internet é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é

alimentada por imaginários. Para ele, o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação.

4.4 Weblog

Os *Weblogs* agregam as principais características da Internet. São utilizados para comunicar, como o correio eletrônico; permitem discutir e analisar assuntos, como os fóruns de discussão; e possibilitam o contato entre pessoas distantes, como os *chats*. Somado a tudo isso, podem ser criados e mantidos por quem tem pouco ou nenhum conhecimento de programação para a *web* (BARBOSA; GRANADO, 2004). Com todas estas facilidades, além de páginas pessoais, os *Weblogs* tornaram-se ferramentas para disseminação e troca de informações. Conforme levantamento da empresa Technorati⁶, que mede o número de diários virtuais publicados na *web*, a cada segundo um novo *weblog* é criado no mundo. No fim de julho de 2005, havia 14,2 milhões de endereços desse tipo na rede e a quantidade de *Weblogs* duplica a cada cinco meses. Em março de 2005, eram 7,8 milhões, 3,8 milhões a mais que em outubro de 2004. A empresa aponta ainda que diariamente os internautas criam cerca de 900 mil “posts”⁷, volume que representa dez novos “posts” a cada segundo.

O Brasil tem se destacado no cenário mundial em relação ao uso da ferramenta. Uma eleição realizada, em 2004, pela DW (Deutsche Welle), três “blogueiros”⁸ brasileiros estavam entre os melhores do mundo, segundo votação de usuários. O prêmio de Melhor *Weblog* foi para “Por um punhado de pixels”, melhor *weblog* temático para o “Estraga Filmes” e melhor *Weblog* jornalístico em português ficou para o jornalista Ricardo Noblat, com o Blog do Noblat. O concurso chamado “The BOBs - Best Of The Blogs” teve a participação de 60 mil pessoas no mundo, sendo um terço dos votantes foram brasileiros. O fato mostra também como é significativa a participação de brasileiros como usuários da internet.

⁶ site que monitora *weblogs* em todo o mundo

⁷ “posts” são blocos de texto, imagens e sons publicados no *weblog*. Geralmente, os mais recentes aparecem no topo da página de cada *weblog*.

⁸ “blogueiro” é a denominação dos autores de *weblogs*.

O autor de "Por um Punhado de Pixels" é um publicitário de Santos (SP) que usa o pseudônimo de Nemo Nox e, atualmente, vive em Washington (EUA). Em 2005, o título de melhor *weblog* jornalístico em português foi conferido pelo público ao humorístico Kibe Loco (kibeloco.blogspot.com), que recebeu 64% dos votos. O *weblog* tem como base fatos do cotidiano brasileiro relatados de forma engraçada pelo publicitário Antonio Pedro Tabet. Para o júri, no entanto, o prêmio de melhor da categoria foi para o No Mínimo. Na página, colunistas, escritores, jornalistas e cineastas mostram seu lado de "blogueiros". Entre os colaboradores estão Pedro Dória, Arthur Dapieve, Tutty Vasques, Villas-Bôas Corrêa e Zuenir Ventura.

Esta foi a segunda edição da competição organizada pela Deutsche Welle, que no Brasil conta com o apoio da Folha *Online*. Já o melhor *weblog* do mundo em português, segundo escolha dos internautas, foi o Tupiniquim, que recebeu 29% de 13.018 votos. Apesar de ter como foco notícias de índios brasileiros, o Tupiniquim é feito pelos portugueses Luís Galvão e Fernando Sousa. Na opinião do júri, o campeão na categoria foi o *weblog* argentino Más respeto, que soy tu madre. A página mistura realidade e ficção de maneira bem humorada sobre os acontecimentos na vida da família Bertotti.

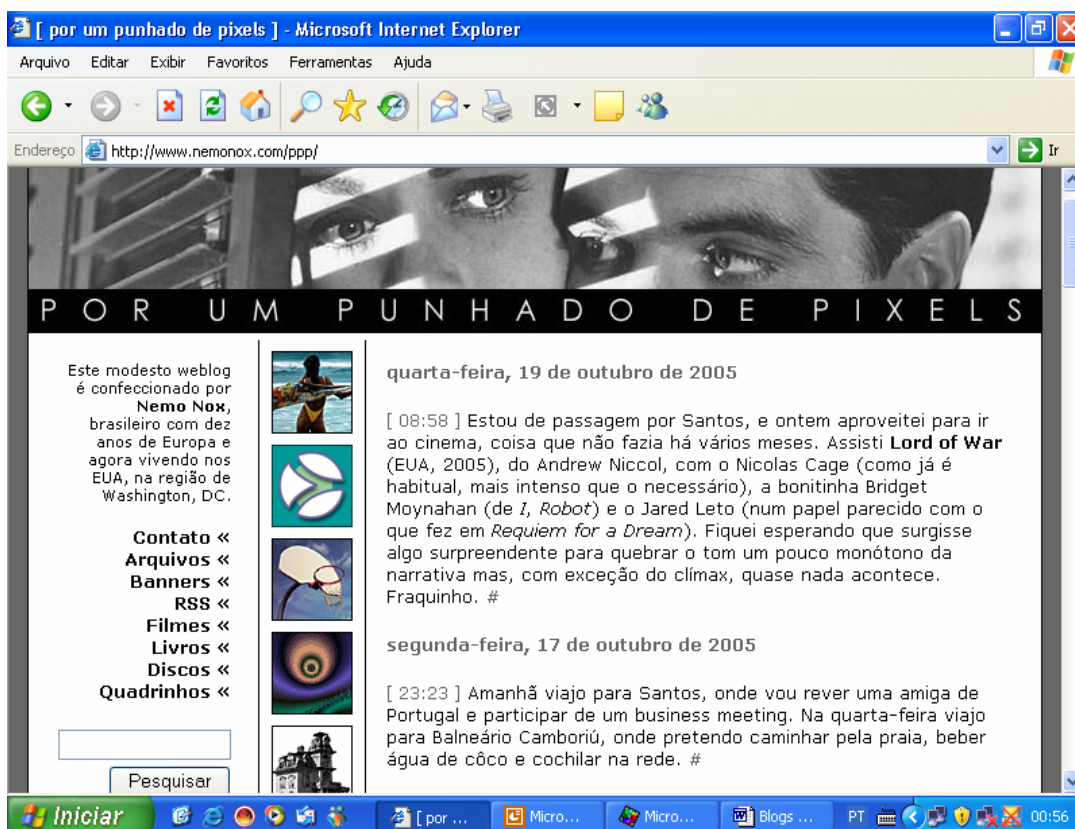


Figura 8: Weblog "Por um Punhado de Pixels", do brasileiro Nemo Nox

Ao observar a figura 8, pode-se notar que o *Weblog* é composto por micro-conteúdos em formato de blocos de textos, que são atualizados com frequência e por ordem cronológica, de acordo com a última publicação.

4.4.1 Conceito de *Weblog*

O fenômeno dos *Weblogs* é relativamente recente. Blood (2000) aponta que a idéia consiste em *websites* "pessoais" ou "temáticos" que são atualizados constantemente. Inicialmente eram filtros do conteúdo na internet praticamente baseados em "links" e dicas de *websites* pouco conhecidos, bem como comentários, o que para Primo; Recuero (2003) destrói o mito de que *weblogs* tenham sido criados com a função exclusiva de servirem como diários eletrônicos. O formato Diário parece ter surgido ao mesmo tempo em que o *weblog* ganhava força. Os *Weblogs*, que são comumente conhecidos como blogs, têm sido utilizados das mais diversas formas, todas relacionadas à publicação.

Silva (2003 a) define que o *Weblog* está sistematizado em dois elementos considerados como fundamentais:

- Possuem uma estrutura-padrão, um formato específico e por isso são facilmente reconhecíveis, ou seja, são formados por conjuntos de blocos de conteúdo textual ou de imagem que são atualizados com frequência.
- São organizados em função do tempo, sendo que as últimas atualizações ficam disponíveis na parte superior da página, de acordo com a data de publicação, e as mais antigas logo abaixo.

Concluindo, o *Weblog* pode ser descrito como um *website* extremamente flexibilizado, com mensagens organizadas em ordem cronológica reversa e com uma interface de edição simplificada, através da qual seu autor pode inserir novos "posts" sem a necessidade de escrever ou compreender qualquer tipo de código em HTML (*HyperText Markup Language* - Linguagem de Formatação de Hipertexto). Os *Weblogs* são baseados em mecanismos que automatizam a criação, edição e manutenção de uma página na *web*. Tecnicamente, o *Weblog* é um formato específico de *site*, cujas ferramentas de criação e atualização se assemelham

basicamente pela rapidez e descentralização de atualização e pela forma como os “links”, imagens e textos baseados no princípio de micro-conteúdo são posicionados cronologicamente.

Um *Weblog* é construído através de programas e/ou ferramentas disponíveis na rede, localizadas em *sites* específicos ⁹ que proporcionam atualização instantânea da página. Um dos elementos que diferencia o *Weblog* de outros sites diz respeito à facilidade com que este tipo de página pode ser construído, além da descentralização de sua manutenção, já que seus usuários têm a possibilidade de publicar a partir de qualquer lugar em que haja um computador conectado à rede mundial de computadores.

4.4.2 Classificação de *weblogs*

De acordo com o perfil de seu conteúdo, Primo; Recuero (2003) classificaram os *weblogs* em duas grandes categorias, além de uma terceira que ela considerou mesclar elementos das duas anteriores. Em seu estudo, os autores dividiram os *weblogs* em Diários Eletrônicos, Publicações Eletrônicas e Publicações Mistas.

- Diários Eletrônicos - São os *weblogs* atualizados com pensamentos, fatos ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários. O escopo desta categoria de *weblogs* não é trazer informações ou notícias, mas simplesmente servir como um canal de expressão de seu autor.
- Publicações Eletrônicas – São *weblogs* que se destinam principalmente à informação. Trazem, como revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral o escopo do *weblog*. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam. São estes *weblogs* que são tidos, muitas vezes, como rivais ao jornalismo pela sua característica de "filtro" da informação na Internet.

⁹ As ferramentas para criação de *weblog* estão disponíveis na rede. A maioria delas é gratuita como a *weblogger* <<http://www.weblogger.com>>, a sua versão brasileira, <<http://www.weblogger.com.br>>.

- Publicações Mistas – São aquelas que efetivamente misturam “posts” pessoais sobre a vida do autor e “posts” informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal.

Na conceituação de Barbosa; Granado (2004), os *weblogs* são categorizados em Diários, Analíticos e Informativos.

- Diários – são *weblogs* que têm como conteúdo as descrições diárias de acontecimentos e eventos que preenchem a existência do autor.
- Analíticos – são compostos por pequenos ensaios sobre diferentes temas ligados à atualidade, política ou questões sociais. Assuntos em que o autor pode ser especializado.
- Informativos – mantidos por autores que percorrem milhares de páginas na *web* em busca de informações, que posteriormente são disponibilizadas aos leitores. Originados por material retirado de outras páginas.

Tomando como base as duas conceituações, o que se pode perceber é que existe unanimidade entre os autores no que se refere à característica dos *Weblogs* voltados para as informações. Esta que interessa nossa pesquisa. Nos *Weblogs* de jornalistas podemos encontrar características dos tipos Analíticos e Informativos (BARBOSA; GRANADO, 2004), bem como das Publicações Eletrônicas (PRIMO; RECUERO, 2003).

A classificação dos *Weblogs* pode ser feita também por meio da característica do formato de seu conteúdo. Além de blocos de textos, os *Weblogs* podem ter conteúdo baseado em vídeo ou fotografia, denominados videoblogs ou fotologs. Já a sua elaboração pode ser desenvolvida de maneiras diferentes: com autoria coletiva ou individual.

4.4.3 História dos *Weblogs*

O termo *Weblog* foi criado por John Berger, em dezembro de 1997, como resultado da junção das palavras *web* (teia) e *log* (diário de bordo utilizado por navegadores e aviadores), o que significa “diário de bordo”. O próprio nome é considerado uma metáfora desta prática de produção nestas ferramentas que é baseado no registro de “*links*” e anotações feitas a partir do que os autores encontram no ciberespaço. Posteriormente as duas palavras foram unidas resultando em *Weblog* ou somente *blog*, como ficou popularmente conhecido (BARBOSA; GRANADO, 2004). No entanto, o primeiro *Weblog* a ser público ainda é motivo de polêmica.

Segundo Paquet (2002), o primeiro *Weblog* foi o de Tim Berners-Lee, o criador da *www* (*World Wide Web*). Em seu *site* “*What’s New?*” (“O que há de novo?”) ele disponibilizava uma série de “*links*” que levava a novos sites. Já Granado; Barbosa (2004) discordam e argumentam que as primeiras páginas construídas na *web* não podem ser consideradas como os primeiros exemplos de *weblogs* porque a *web* foi criada em 1990 e a palavra *weblog* só aparece em 1997, como sinônimo de página onde o autor coloca periodicamente seus micro-conteúdos.

O segundo *Weblog* teria sido a página de Marc Andreessen, o criador do primeiro *browser* da *web*, chamado Mosaic. O *weblog* de Andreessen teria função similar à página de Bernes-Lee até meados de 1996 (PAQUET, 2002, apud SILVA, 2003 a). Há autores que consideram também o *site* dele como um dos primeiros *weblogs*, pois o *browser* Mosaic, na época, era a única forma de acessar a *www* e havia sido criado há pouco por Andreessen (BARBOSA; GRANADO, 2004). Em meados de 1997 surgiu o que é considerado o mais antigo *weblog* existente – o *Scripting News*¹⁰, de Dave Winer. A maioria dos *Weblogs* mais antigos tinha um conteúdo baseado na mistura de “*links*” e comentários ao gosto do editor. As páginas eram criadas e mantidas principalmente por *webdesigners* e desenvolvedores de programas, atentos às capacidades da tecnologia. (PAQUET, 2002, apud SILVA, 2003 a).

¹⁰ Disponível em: <<http://www.scripting.com/>> Acesso em: 23.set.2005.

No Brasil, há controvérsias a respeito do que é considerado o primeiro *Weblog*. Alguns atribuem a Zamorim ¹¹ o posto de pioneiro na publicação através deste formato. Zamorim teria emitido seu primeiro “*post*” em 2000. Entretanto, a gaúcha Viviane Menezes ¹² também é apontada como o primeiro “blogueiro” brasileiro, que começou a publicar desde fevereiro de 1998. Com 17 anos, ela escrevia o que na época era conhecido por “*journal*” (diário, em inglês), com uma página em HTML para cada dia que passava:

4.4.4 Ferramenta Coletiva

Mas o que leva as pessoas a publicarem em *weblogs*? Uma pesquisa desenvolvida por SILVA, em 2003, para a dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, da UFBA (Universidade federal da Bahia), comprova que os principais atrativos da ferramenta são a facilidade em editar e colocar uma página na rede; a atualização instantânea; a descentralização; a cronologia e memória cronológica que as páginas permitem. Além disso, a autonomia sobre o que e quando publicar e os aplicativos ou sistemas incorporados às ferramentas que favorecem a interação entre autores-autores, autores-leitores e leitores-leitores são fatores determinantes. A pesquisadora alerta que por meio das respostas sistematizadas foi possível desmistificar em parte a assertiva de que os *weblogs* são vistos como um diário íntimo digital ou um diário de adolescentes, ou ainda que possuam uma linguagem própria específica. Os pesquisados apontaram ainda a motivação para publicar em *weblogs*, por ordem de mais escolhida:

1. Necessidade de expor, expressar, desabafar, publicar idéias, opiniões, pensamentos, textos e conteúdos diversos a partir da escrita apropriada de *weblogs*;
2. Hábito ou prazer em exercitar a escrita;
3. Ótimo espaço para mostrar aspectos de sua personalidade e para falar sobre si,

¹¹ Disponível em: <<http://www.zamorim.eti.br>>.

¹² Era disponível em: <<http://www.wiredkitsune.net/weWeblog/>>. Atualmente inativo.

4. Utilizam seus *Weblogs* para informarem outras pessoas ou para disponibilizar materiais considerados de “difícil acesso”,
5. Usam para o desabafo e indignação e
6. Utilizam o *Weblog* para registrar “*links*” considerados interessantes.

Os *weblogs* contam com duas ferramentas. A primeira é a ferramenta de comentários, que permite que o leitor deixe suas observações em relação ao conteúdo publicado pelo autor. A segunda ferramenta é a *trackback*, que permite que outros “posts” em outros *weblogs* sejam ligados junto ao dele. RECUERO (2003) considera que as duas ferramentas é que dão característica diferencial ao *weblog* dentro da web, promovendo um espaço de comunicação entre os interagentes, incentivando a troca de informações e complementação de conteúdos. Desta forma são criadas redes de comentaristas que escrevem e lêem mutuamente por meio deste sistema. Ao invés de permitir trilhas, como ocorre nos sites tradicionais, o *weblog* oferece ao internauta a possibilidade de criar novos elos entre um *weblog* e outro, numa ação conjunta que modifica a estrutura da web. (PRIMO; RECUERO, 2003).

Uma cultura desenvolvida entre os “blogueiros” num trabalho em círculos é definida por Recuero (2002) como *webrings*, que seriam o virtual settlement (estabelecimento virtual) das comunidades, que ali estabelecem suas relações, principalmente através dos sistemas de comentários. A autora explica que os *weblogs* são *linkados* uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos “posts” entre os vários indivíduos, que chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo deixar recados para terceiros nos *weblogs*. Esse círculo de *weblogs* difere, basicamente, de um grupo de “*links*”, pois num *webring* existe um grupo de pessoas.

Com a internet ocorre a liberação do pólo de emissão, que por séculos tem sido controlado pelos meios de comunicação de massa. A liberação permite que vozes, por muito tempo oprimidas, tenham espaço para se manifestar. O ato de criar e manter um *weblog* é classificado por Lemos (apud SILVA, 2003 b) como uma apropriação da ferramenta. O autor divide a apropriação em duas dimensões. A técnica, que envolve o treinamento na utilização do objeto, e a simbólica, que é uma apropriação subjetiva.

Lèvy (1999) argumenta que até o advento do ciberespaço havia intermediários institucionais para a filtragem e difusão entre autores e consumidores de informações, como empresas de mídia, editoras ou órgãos governamentais. Na avaliação do autor, quando há concentração ou monopólio, há risco de que se estabeleça uma verdade oficial. Com a nova situação, os produtores de informações na internet contam com a desintermediação. Na rede existe a disseminação de todo tipo de mensagem e os *weblogs* são exemplos que têm atraído grande número de produtores de conteúdos na rede.

Esta abertura para vozes diversas permite ao *Weblog* veicular conteúdos não-massificados. Por outro lado, a arquitetura da tecnologia de rede é aberta, sob o ponto de vista tecnológico, e dificulta que haja qualquer censura ou controle das mensagens. Para Castells (1999), o único modo de controlar a rede é não fazer parte dela. No entanto, o autor considera essa auto-exclusão um preço alto a ser pago, já que a rede se torna abrangente e leva todos os tipos de informação para o mundo inteiro.

4.4.5 Aplicações

4.4.5.1 *Weblog* aplicado aos Negócios

Como já foi dito anteriormente, o universo dos *weblogs* extravasou a esfera pessoal. Neste caso, tem conquistado o mundo empresarial. Os “*businessblogs*” ou “*bizblogs*” são também denominados *weblogs* executivo, institucional, empresarial ou corporativo. Um levantamento feito em outubro de 2004 pelo Technorati¹³, aponta que apesar de ser uma fatia pequena do total (cerca de 5.000), o número de *Weblogs* corporativos tem crescido, principalmente com a participação de gigantes do mundo da informática, como a Microsoft, *Sun Microsystems*, *Macromedia* e *Oracle*. A IBM (*International Business Machines*), por exemplo, empresa do mundo da tecnologia, é uma das pioneiras no uso de *Weblogs* dentro e fora da corporação. Em 2004, eram 2.800 *weblogs* internos, de um total de aproximadamente 330 mil empregados espalhados em todo o mundo. Os espaços são usados para informar

¹³ site que monitora milhões de blogs em todo o mundo

grupos de pessoas com atividades e/ou interesses comuns sobre “links”, artigos, RSS feeds (alimentadores automatizados de notícias) e sites¹⁴.

Também conhecidos como *k-logs* os *Weblogs* usados em KM (*Knowledge Management*), ou gestão de conhecimentos. São utilizados como suporte para gerenciar conhecimentos dentro das empresas. *Blogando* os trabalhadores deixam registrado suas descobertas, seus fazeres, sua experiência, compartilhando-os no interior da empresa e deixando-os como herança na sua saída.

Barbosa; Granado (2004) consideram que os *Weblogs* podem ser utilizados para ações de comunicação externa e interna, bem como, complementos às páginas institucionais das empresas na internet. No entanto, Barbosa e Granado alertam que seu foco deverá se basear de acordo com o público que pretende atingir. A aplicação pode ser voltada para a captura de conhecimento, inovação, comunicação com os clientes ou gestão de projetos. Blood (2000) apud Barbosa; Granado (2004) define três motivos para se manter um blog: além da expressão pessoal, a partilha de informações e a construção de reputação. Baseando-se neste conceito, os autores acrescentam que é o que as empresas buscam: “instrumentos de comunicação interativos, fáceis de criar e de gerir, com capacidade de atingir grande número de leitores e, acima de tudo, barato” (p.61). O desafio seria conquistar o público-alvo da empresa, seja ele formado por empregados ou clientes, mas para isso precisa atender às regras do ambiente e oferecer aos leitores a interatividade, a franqueza e a igualdade de posições.

O conselho de Barbosa; Granado (2004) é que mesmo sendo um institucional, o *Weblog* deverá respeitar as características da ferramenta. Uma condição indispensável seria a atualização regular, ou seja, se não for diária, que se estabeleça uma periodicidade semanal, mensal ou quinzenal. Uma das principais vantagens deste ambiente em relação aos demais meios de comunicação é o fato de eles refletirem a personalidade do autor e serem instrumentos opinativos. A personalização seria indispensável para conquistar mais leitores.

Embora, a ferramenta já esteja em uso em multinacionais e empresas norte-americanas e européias e ainda tem uso insipiente no Brasil. Em recente palestra nos Estados Unidos, o dono da Microsoft Bill Gates¹⁵ sugeriu às empresas que

¹⁴ http://www.iaocblog.com/blog/_archives/2005/3/4/396555.html

¹⁵ Reportagem publicada no encarte do jornal Valor Econômico, edição de 22, 23 e 24 de abril de 2005. Ano V- N°240.

construíssem seus próprios *Weblogs*. Para ele, as postagens de informações neste ambiente facilitam a comunicação e provoca uma mudança de paradigmas no relacionamento corporativo. Graff (2005)¹⁶ acrescenta que os *Weblogs* provam que a comunicação passiva e unilateral está com os dias contados.

4.4.5.1.1 Aplicações na Empresa

Barbosa; Granado (2004) sugerem que os *Weblogs* empresariais podem ser aplicados na comunicação interna ou externa da empresa. No entanto, antes de sua elaboração é preciso que haja um planejamento para a identificação da motivação para a criação da página, tais como objetivos claros e definição do perfil para seu autor e concluem “o *Weblog* deverá estar em consonância com a imagem da instituição que representa para que possa ser identificado como parte integrante das suas ações de comunicação” (p.63).

a. Comunicação Interna

Os *Weblogs* podem ser usados em duas áreas da comunicação interna da empresa: em ações de relações públicas e de promoção interna, e na resolução de problemas de comunicação horizontal ou vertical na realização de projetos. No primeiro caso pode publicar comunicados, uma vez que a informação disponibilizada está organizada cronologicamente, o que facilita o acesso às mais relevante. A medida permite menor circulação de informações, sendo que estas ficam registradas em vantagem ao correio eletrônico. Este último tem a desvantagem de lotar a caixa de correio eletrônico e o acúmulo de mensagens pode gerar excesso de informações e prejudicar seu fluxo.

O *Weblog* interno também é espaço privilegiado para a empresa ouvir o funcionário, que poderá compartilhar informações referentes às suas rotinas, de forma informal, permitindo a troca de sugestões e críticas e a captura de conhecimento tácito e incentivo à colaboração. O ambiente também se torna ferramenta colaborativa para o desenvolvimento de projetos conjuntos. Neste caso,

¹⁶ Garret M.Graff é o primeiro jornalista “blogueiro” a obter uma credencial da Casa Branca (EUA) para participar do briefing semanal, o qual só o “mainstream” da mídia tinha acesso. Reportagem publicada no encarte do jornal Valor Econômico, edição de 22, 23 e 24 de abril de 2005. Ano V-Nº240.

a vantagem do registro das informações para o patrimônio da empresa, mesmo após o desligamento dos funcionários. (Barbosa; Granado, 2004)

b. Comunicação externa

Na comunicação externa e na promoção comercial o *Weblog* pode ser uma ferramenta eficaz, individualmente, ou integrada ao *website* da empresa. O espaço pode ser destinado à divulgação do posicionamento estratégico da empresa em relação às questões políticas, econômicas e sociais, bem como para a divulgação de novos produtos e serviços e na recepção de opiniões e comentários dos clientes, podendo inclusive funcionar como serviço de pós-venda *online*. Os autores ressaltam que no caso de estar ligado à página da empresa, o *Weblog* deve estar destacado do restante do conteúdo e podem ser utilizados como espaços de interação com clientes e potenciais clientes até para a resolução rápida de problemas. (Barbosa; Granado, 2004)

Um exemplo deste tipo de função do *Weblog*¹⁷ pode ser verificado na GM (*General Motors*). A empresa criou cinco categorias temáticas para *Weblogs*, que são mantidos por altos executivos da corporação. Desta forma, a empresa garante um controle sobre o que é publicado fora da empresa. O *Weblog* tem se tornado uma ferramenta de marketing com a manutenção de um canal direto entre o consumidor e os executivos. O cliente pode ter acesso à informação sobre lançamentos, novidades, estratégias. Além de melhorar a proximidade com o consumidor, a empresa pode capturar demandas e sugestões de clientes, que podem não ter tido acesso às centrais de atendimento. (FRANCO et. Al. (2005).

4.4.5.1.2 Principais Desafios

Apesar de oferecer vantagens, os *weblogs* trazem para as organizações novos desafios, como o risco de ter informações internas publicadas na rede. Um caso famoso é o da *Apple*, que processou o *weblog* “Think Secret” por publicar informações confidenciais da empresa, que eram repassadas por um de seus funcionários. O *weblog*, mantido por um rapaz de 19 anos, agora se transformou em

¹⁷ <<http://fastlane.gmblogs.com/>>

um *site*. A Microsoft – empresa que mantém *weblogs*¹⁸ para seus usuários e uma das grandes defensoras dos *weblogs* corporativos – já teve alguns problemas. Um dos seus funcionários, Robert Scoble, se envolveu em fatos que ganharam espaço na mídia. O primeiro foi publicação no seu *weblog* de uma carta aberta para Bill Gates criticando a Microsoft; a segunda foi o suposto insulto que fez a um colega de trabalho através do seu *weblog*. São questões apontadas por Franco et al. (2005) como relativas à ética empresarial, à questão descentralização da comunicação empresarial, proteção de conhecimentos estratégicos empresa e até mesmo com a satisfação funcionários em relação a políticas procedimentos internos.

4.4.5.2 Weblog aplicado à Educação

Gutierrez (2004) defende o uso de *weblogs* como ambientes de aprendizagem por entender que seu formato dinâmico, aberto e público seria um fator diferencial para a promoção da colaboração e construção cooperativa do conhecimento, o que torna a ferramenta aplicável em projetos educacionais. Silva (2003 a) acrescenta que o sistema é relativamente fácil de usar permite que estudantes possam aproveitar as possibilidades da internet – tecnologia que permite a convergência de tempo, espaço, culturas e línguas – para que, junto com os professores, possam elaborar uma nova escrita e passar por uma nova dinâmica educacional. Os *weblogs* têm sido utilizados para diversos propósitos na área educacional, entre eles, nas práticas de colaboração, que podem fortalecer a dinâmica da sala de aula, e resultar num senso comunitário e colaborativo. Para este fim os *weblogs* educativos são conhecidos também como edublogs (Silva, 2003 a).

No Brasil, existem poucas iniciativas neste sentido. No entanto, nos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e Espanha existem diversos projetos que adotam a ferramenta como ambiente de aprendizagem. Um exemplo citado por Gutierrez (2004) é o *Weblogs at Harvard Law*¹⁹, um *Weblog* colaborativo da Harvard Law School da Universidade de Harvard (EUA), que contratou um profissional²⁰ especificamente para promover o uso do *weblog* no ensino e na investigação. Outra

¹⁸ <<http://blogs.msdn.com>>

¹⁹ Era disponível em <http://blogs.law.harvard.edu/> Atualmente inativo

²⁰ Dave Winer – grande conhecedor da blogosfera – é programador e responsável pelo desenvolvimento de software informático, publica em blogs e tem credibilidade entre leitores de blogs.

iniciativa da área acadêmica é o *PhDweblogs.net*²¹. O espaço funciona como centralizador de *Weblogs* relacionados a alunos que desenvolvem pesquisas em nível de doutorado. Os pesquisadores podem ser consultados por países de origem, áreas de pesquisa ou língua.

A autora sugere que os *Weblogs* contribuem para a consolidação de novos papéis para alunos e professores no processo educativo, com uma atuação menos diretiva, já que professores e alunos, como parceiros de aprendizagem, podem retroagir sobre seu trabalho, revendo etapas e processos, tomando consciência de sua prática, abrindo inclusive espaço para a pesquisa. Com a possibilidade de registro de todas as fases de um projeto – criação, detalhamento e desenvolvimento até a finalização – o ensino-pesquisa pode ser ampliado agrupando projetos inter e transdisciplinares, podendo envolver a escola como um todo, famílias e comunidades (GUTIERREZ, 2004).

Segundo Barbosa;Granado (2004), uma das primeiras experiências na linha portuguesa de *weblog* aplicado à educação foi o Jornalismo e Comunicação²² da turma do mestrado em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho, em Portugal. O *weblog*, criado em abril de 2002, é mantido por alunos e professores.

4.4.5.2.1 Desafio do uso de tecnologia na educação

Gutierrez (2004) esclarece que o uso das tecnologias da informação no ensino tem sofrido a quebra da continuidade, ou seja, muitos professores que passam por programas de capacitação acabam não utilizando seus conhecimentos adquiridos após o encerramento do curso ou processo de formação. A autora afirma que conhece muitos relatos, formais e informais, que dizem que os professores não aplicam os conhecimentos construídos nos cursos de capacitação. Ela acrescenta que o entrave para a consolidação do uso da tecnologia no ensino é que muitas vezes a escola não dispõe da tecnologia recomendada. Neste caso, os *Weblogs*, que são ambientes simples, não necessitam de hospedagem em servidor próprio, são abertos à intervenção e componíveis com outros ambientes como *chats*, fóruns

²¹ <<http://phdweblogs.net/>>

²² <<http://webjornal.blogspot.com>> *Weblog* coletivo criado no âmbito do Mestrado em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho, em Portugal.

e listas de discussão e podem ser usados em qualquer computador com conexão à internet. Não são ambientes estáticos, com formato definido. Podem ser construídos e modificados segundo as necessidades de professores e alunos, autores e organizadores do seu espaço.

Também no formato de *Weblog*, o *Weblogg-ed Vol.2: Using Weblogs in Education*²³ é um espaço que veicula informações sobre o tema. De responsabilidade de Will Richardson, o espaço fornece sugestões sobre a utilização de *Weblogs* em todos os níveis do ensino, além de disponibilizar artigos científicos e recursos disponíveis para a criação de *Weblog* voltado para o ensino.

4.4.5.3 Weblog aplicado ao Jornalismo

A flexibilidade oferecida pelas ferramentas de editoração dos *weblogs* tem atraído também jornalistas. Os profissionais da informação, que por muito tempo foram conhecidos apenas pelo trabalho nos veículos tradicionais de comunicação, passam agora a ganhar espaço no mundo digital, mas por meio de um suporte informal, no caso os *weblogs*. Neste ambiente eles não estão ligados à editoras, jornais ou emissoras de televisão, mas mantêm o seu público apenas com seu conteúdo, que vai de informações jornalísticas a comentários e opinião.

Primo; Recuero (2003) explicam que a mensagem veiculada em um *Weblog* não tem a pretensão de ser uma informação 'neutra'. Isso porque a informação está imbuída na persona de seu autor, daquele que as divulga. A autora esclarece que nos *Weblogs* a personalização está presente também na assinatura do autor, no formato gráfico – cores, formato do *site*, fontes – nos “*links*”, na foto do autor, ou mesmo nos ‘clicks’. Essa personalização tem a particularidade de gerar empatia por parte do leitor, causando uma identificação entre o leitor e o “blogueiro”. Como consequência desta personalização, Hiler (2003 apud Silva; 2003 b) prevê que, neste contexto, os leitores começam a atribuir mais confiança no jornalista, ao invés da própria publicação.

Quinn (2002 apud Silva; 2003 b) aponta que a apropriação do *Weblog* pelos jornalistas apresenta vantagens uma vez que a informação deixa de ser pensada como exclusiva de uma única plataforma. A união do *Weblog* com o jornalismo

²³ Disponível em < <http://weblogg-ed.com> >

converge para uma nova simbiose. O jornalista passa a ver o *Weblog* como uma fonte de informação; já o “blogueiro” contribui com a sinergia ao emitir opinião sobre notícias publicadas pela mídia tradicional (HILER, 2003 apud SILVA, 2003 b). Tomando exemplo da biologia, o autor acrescenta que “blogueiros” e jornalistas são ambos os organismos parasitários e trabalham juntos em uma relação simbióticas para relatar, filtrar e buscar notícias “de primeira mão”.

A possibilidade de veicular notícias exclusivas também é um aspecto que associa diretamente a prática do jornalismo à de manutenção de *Weblog*. Um fato que marcou a história do *Weblog* foi o episódio que envolveu o ex-presidente dos Estados Unidos e sua estagiária Mônica Lewinski – romance que foi revelado primeiramente por meio de um *Weblog*.

Hourihan (2001 apud Silva, 2003 b) aborda a questão ao criar um novo perfil para o jornalista que utiliza o *weblog*: o jornalista P2P (Peer-to-Peer). O profissional com este perfil escreveria motivado pela paixão e por interesses pessoais. A atividade jornalística incluiria compartilhar, colaborar, distribuir e conectar informações, porém correria o risco de perder padrões e tornar as informações perigosas.

4.5 Perfil informacional do jornalista

É considerado profissional da informação quem adquire a informação registrada em diferentes suportes, organiza, descreve, indexa, armazena, recupera e distribui essa informação de forma original ou como produtos elaborados a partir dela. Por muito tempo, esta função foi atribuída a profissionais como bibliotecários, documentalistas, arquivistas e museólogos, no entanto, Le Coadic (1996) ressalta que ao lado das antigas profissões surgem agora novas funções como dos especialistas da informação. São profissionais voltados mais para a análise, comunicação e uso da informação, do que para o armazenamento, como o Departamento de Marketing de uma empresa, analistas de informação, gerentes de informação e planejadores de sistemas de informação²⁴. Neste perfil encaixa-se o jornalista atual. O profissional sempre teve como atribuição o papel de tradutor da realidade, mas diante das mudanças tecnológicas da comunicação, acabou por

²⁴ Le Coadic inclui ainda os empresários da informação (empresa de informação, prestadoras de serviços, organização de seminários e eventos) e os cientistas da informação (pesquisam e ensinam a área de Ciência da Informação. Ex: universidades e centros de pesquisas).

assumir novos papéis em sua atividade (SAAD, 2005). As mudanças que afetam também o restante da sociedade estão ligadas às facilidades nos meios de comunicação e troca de informações entre as pessoas. São redes globais que incluem a transmissão eletrônica de dados, a troca de mensagens pelos correios eletrônicos, a instantaneidade na transmissão dos fatos e a interatividade. Processos que são conduzidos pela informação e o jornalista é um dos atores que atuam na intermediação destas informações, no caso da informação jornalística.

Lage (2004) define a expressão informação jornalística como exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente. O autor argumenta que o material jornalístico caracteriza-se, em tese, por sua atualidade, universalidade, periodicidade, que é a durabilidade limitada, e difusão, mas o que mais o identifica é a estruturação retórica e torno de pontos de interesse jornalístico. O autor aponta a coerência como uma das características fundamentais da linguagem jornalística, ou seja, a veiculação de sentidos por meio da articulação de elementos subjacentes à superfície textual. O sentido é construído a partir do texto, no curso de uma interação.

Os profissionais da informação desempenham o papel muito mais importante, enquanto produtores de conhecimento, no momento em que assumem postura estratégica de agentes sociais e privilegiam nas suas formações as competências sobre o domínio dos fluxos de informação (ROBREDO, 2003). Isso porque a facilidade de acesso às redes de bancos de dados coloca ao seu alcance grande quantidade de informação e de absorção inviáveis. Por isso, o profissional precisa saber pesquisar, localizar e analisar fatos relevantes. Neste contexto, a disseminação da informação assume papel de grande relevância para decidir e agir (ROBREDO, 2003) em função da necessidade de se obter informações cada vez mais rápidas.

O acréscimo de responsabilidades ao perfil profissional do jornalista vai desde a habilidade no uso de ferramentas de software para reportagem assistida por computador, até a preparação de conteúdos editoriais voltados para a personalização/customização, ou ainda, pela responsabilidade social em alimentar com informações e funcionar como “motor” de comunidades virtuais (SAAD, 2005). Marcondes Filho (2002) argumenta que o jornalismo é uma profissão que exige cada vez mais competências e em cada vez mais domínios, porque o real é cada vez mais complexo. Cada vez mais se é bombardeado com informações e é preciso

decodificá-las, descritá-las, até invertê-las para dar sentido e reconstruir os fatos. O autor acredita que o jornalista agora se transforma em um comunicador e especialista em “matéria de formas eficazes”, como: gráficas, lingüísticas, icônicas; um especialista no tratamento de dados. Os jornalistas são alimentadores-chave das informações que circulam pelas redes e também são usuários dela como ferramenta de trabalho.

Com o uso do ambiente virtual para a busca de informações, surgiram dois tipos diferentes de jornalismo que usam as redes telemáticas. No primeiro, as redes são usadas como ferramenta auxiliar para a elaboração de conteúdos para os meios clássicos (veículos tradicionais), ainda abastecidos com métodos clássicos de coleta de dados, enquanto que, no segundo, todas as etapas do sistema jornalístico de produção - desde a pesquisa e apuração até a circulação dos conteúdos - estão circunscritas as fronteiras do ciberespaço – webjornalismo (MACHADO, 2003). Entre a infinidade de publicações disponíveis no suporte digital, os *weblogs* de jornalistas se configuram em fontes de informações para os demais profissionais. Eles podem se basear em uma informação “nova” publicada no espaço, considerado não oficial, e transformá-la para em produto para uma publicação tradicional (rádio, tv, jornal).

4.5.1 Novas funções para o jornalista

Ao assumir novos papéis no uso de redes telemáticas, SAAD (2005 a) aponta quatro classificações para o jornalista: arquiteto da informação, gestor de conteúdo e gestor de relacionamentos e conhecimentos e *weburbanism* – fatos que acontecem na internet, como relacionamentos em comunidades virtuais. Com estes argumentos a autora considera que o profissional passa a assumir um papel de importância vital para a sociedade da informação, sua responsabilidade perante os conteúdos produzidos se amplifica e ganha mais peso à medida que o tempo real exige decisões rápidas e de grande responsabilidade social.

a. Arquiteto da Informação – Wurman (1996 apud Saad, 2005 a) propõe que o arquiteto da informação é quem organiza padrões inerentes a dados, esclarecendo complexidades, cria estruturas ou mapeia informações que possibilitam a busca de caminhos individuais de conhecimento. Desta forma possibilita a disponibilização da

informação em texto (ou hipertexto), gráficos (ou infográficos), ícones (ou “links”), imagens (animações) ou sons (real audio) ou todos juntos.

b. Gestor da Informação – O trabalho no meio digital exige dos jornalistas não só as competências básicas do fazer jornalístico, como o julgamento da notícia, a arte de bem reportar, o uso da narrativa, ela inclui, como define Saad (2005 a), competências típicas da virtualidade e da interatividade. Entre elas, a autora cita quatro tipos de competências:

- ✓ Numérica, de saber buscar, processar e operar com números enquanto importante fonte informativa;
- ✓ Tecnológica de lidar com as novas tecnologias de informação e comunicação;
- ✓ Visual, pois, cada vez mais a informação digital é uma agregação de texto e imagens; e
- ✓ Cultural, fundamental nessa sociedade sem fronteiras e de horizontes infinitos.

c. Gestor de relacionamentos e conhecimentos – Na sociedade da informação, o jornalista passa a atuar como elo entre opiniões, pessoas, grupos e comunidades (Saad, 2005). Toda esta proximidade entre jornalistas e leitores (usuários) é possibilitada pelo impacto das tecnologias. SAAD considera que a revolução da informação é também uma “revolução no relacionamento”. A tecnologia de redes pressupõe regras tácitas para explicitar cada vez mais as relações interpessoais.

d. *Web urbanism* – Embora a matéria-prima do jornalismo seja a realidade que ocorre nas ruas, o alvo das reportagens foi ampliado também para os fatos que acontecem na *World Wide Web*. Os profissionais mesclam a função de percorrer a cidade real e criar relacionamentos em comunidades virtuais. Saad (2005 a) considera que a informação local disseminada para a virtualidade cria e favorece a manutenção de comunidades agregadas por interesses comuns. Do ponto de vista de empresas informativas já existe uma tendência de aproveitar a potencialidade

gerada pelas comunidades virtuais e muitas empresas têm criado páginas na Internet com espaços para a construção de *weblogs*, fotologs, fóruns e chats.

4.5.2 Weblog de Jornalistas

Um milhão de visitantes únicos em 15 dias e meio. Este foi o total de leitores que o Blog do Noblat teve de 1º a 16 de agosto de 2005. Foram 1.012.486 acessos únicos contra 1.143.463 no mês de julho inteiro. O dado mostra o quanto a chamada blogosfera tem atraído os leitores no Brasil. Criado em 8 de março de 2004, começou de forma tímida e hoje se tornou referência para quem tem interesse em saber os bastidores da notícia, principalmente, aos fatos relacionados à política.



Figura 9: Blog do Noblat, do jornalista Ricardo Noblat

Noblat sempre atuou em redações de jornais e revistas. A idéia de criar um *weblog* surgiu quando tinha uma coluna dominical sobre política no jornal *O Dia*, perdia muita informação apurada durante a semana em função da perenidade até o

próximo domingo²⁵. Mesmo depois de sair da mídia impressa, Noblat continuou com o *site*. No entanto, um ano depois ainda não tinha retorno financeiro. Foi quando, baseado na audiência que crescia, conversou com o iG, portal que hospeda o diário eletrônico, e se tornou um dos primeiros jornalistas a ter um salário fixo produzindo conteúdo para *weblog*. Como vive em Brasília, seu foco é cobertura política e suas informações têm ganhado repercussão no Congresso. Com o crescimento da audiência, *weblog* sofria panes no sistema e teve que mudar um outro hospedeiro, no entanto, ainda mantém o layout de *weblog*.

Muitos fatos publicados por Noblat ganharam repercussão nacional. Um exemplo foi do senador Eduardo Suplicy (PT-SP) que disse que decidiu assinar o pedido de abertura da CPI dos Correios (Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga denúncias de corrupção na Empresa de Correios e Telégrafos), com base nos comentários dos leitores do Blog do Noblat e foi contra a decisão do seu partido. O ex-deputado Roberto Jefferson também citou o Blog do Noblat em seu primeiro depoimento no Congresso.

Noblat investiu no espaço, encomendou um perfil dos internautas ao marqueteiro Antonio Lavareda e fechou contrato com uma empresa para reformular o *weblog* e buscar anunciantes. O jornalista foi colunista contratado do portal iG, mas desde novembro de 2005 seu *weblog* foi transferido para o portal do jornal O Estado de São Paulo. Além de hospedar o Blog do Noblat, o jornalista tornou-se colunista da versão impressa do Estadão.

Ainda no IG, em novembro e dezembro de 2004, pouco mais de 100 mil pessoas visitaram o *weblog* mensalmente, mas em fevereiro, foram 127 mil visitantes. As celebridades são ótimas iscas para leitores, segundo Noblat. Ele cita como exemplo a cobertura da transferência de Ana Paula Padrão da Globo para o SBT e o flagrante de Chico Buarque aos beijos numa praia do Rio de Janeiro. Na opinião do jornalista, o *weblog* começou a acontecer quando publicou nota sobre a expulsão do correspondente do *The New York Times* [Larry Rohter]. A cúpula do governo havia informado ao presidente Lula que a Constituição não permitia a expulsão. E, conforme nota do blog do Noblat, o presidente respondeu ‘Foda-se a

²⁵ Aventuras de um “blogueiro” accidental, entrevista de Ricardo Noblat a André Luís Leite.

Constituição'. A nota gerou repercussão, foi lida no plenário da Câmara dos Deputados. Noblat encerrou a entrevista dizendo o que muda na sua carreira com essa nova experiência. "A linguagem é diferente. Ainda uso o que aprendi no jornal para escrever. Não sei direito o que é isso. Estou tentando descobrir. Mas está sendo ótimo aprender".

Outro "blogueiro" de destaque no setor de política é o paulistano Marcelo Tas, do "Blog do Tas". Tas e Noblat fizeram "live blogging", ou seja, blogaram ao vivo seus comentários sobre os debates em São Paulo durante as eleições municipais em 2004. Para Tas, seu *weblog* dá prioridade à interação.

Também em evidência no campo dos *weblogs* está o colunista da "Revista da Folha", Pedro Dória, do "Nomínimo *Weblog*", do Rio de Janeiro. O *weblog* de Dória começou como uma coluna sobre web no *site* "No.", depois "Nomínimo", em 2002. Em entrevista ao Observatório da Imprensa²⁶, o jornalista contou que o sistema de comentários o surpreendeu. "Eu descobri a internet de novo. Para ele, o "Brasil não conseguiu produzir bons blogs em quantidade, sobretudo do ponto de vista informativo". Mas alguns apareceram".

A disseminação de informações publicadas em *weblogs* tem ganhado expressividade, tanto que os diários virtuais produzidos por repórteres experientes foram chamados de "o quinto poder" em maio de 2005, durante o 14º *World Report Conference*, encontro anual que a rede norte-americana de TV a cabo CNN promove em Atlanta (EUA) para discutir a imprensa. O jornalista Mauro Ventura participou do evento e disse²⁷ que "a maior rede de notícias do mundo elegeu os *weblogs* entre os quatro temas mais importantes, hoje, para a profissão". Ventura é repórter especial do Segundo Caderno, suplemento de cultura do jornal O Globo, e autor dos *weblogs* DizVentura e No Front do Rio. A colunista política de O Globo Tereza Cruvinel, autora de um *weblog* que leva seu nome, conta que quando clica em "criar um novo texto", ela mesma põe o conteúdo no ar, sem depender de ninguém.

De Mato Grosso do Sul, o jornalista Armando de Amorim Anache, que mora em Campo Grande (MS), também teve suas informações repercutidas

²⁶ Blogs políticos conquistam cada vez mais adeptos e leitores, de Nelson de Sá (colunista da Folha)

²⁷ http://www.facasper.com.br/jo/reportagens.php?tb_jo=&id_noticias=380

nacionalmente. Ele descobriu que Maurício Marinho, ex-funcionário dos Correios flagrado ao receber R\$ 3 mil de propina – era natural de Aquidauana, cidade que fica a 131 quilômetros da capital sul-mato-grossense. O jornalista investigou o fato e descobriu que Marinho havia almoçado com o deputado Roberto Jefferson em um restaurante próximo à cidade, o que provava que os dois pivôs da CPI dos Correios mantinham uma relação anterior às denúncias. A notícia publicada em seu *weblog* foi parar nas mãos do senador Eduardo Suplicy (PT), que a levou a sessão da CPI dos Correios. O fato atíçou a ira de Jefferson, que rasgou a cópia do artigo e acabou repreendido²⁸.

No Brasil, o jornal impresso carioca O Globo foi um dos pioneiros a estimular que seus colunistas tivessem diários virtuais. O site do veículo (www.oglobo.com.br) conta hoje com 25 *weblogs* assinados por seus jornalistas. A iniciativa começou em julho de 2003 com convite a todos os colunistas, mas nem todos aceitaram. Segundo o diretor executivo do jornal Aloy Jupiara, os demais profissionais da redação vêem “os blogs como algo positivo, que gera maior fluxo de informações mesmo para o jornal”, ou seja, os comentários dos leitores podem se transformar em assuntos que poderão ser abordados futuramente. Na opinião do diretor, o *weblog* é um meio efetivo de comunicação, de formar comunidades e criar uma relação entre o veículo e os leitores.

Para Noblat, os *weblogs* como os de O Globo nem sempre trazem informações novas, pois o profissional tem compromisso maior com o veículo. Noblat atualiza a sua página entre 30 a 40 vezes por dia, enquanto que um *weblog* secundário é atualizado uma vez por dia e, às vezes, apenas uma vez por semana ou por mês. A informação é confirmada por Tereza Cruvinel e Mauro Ventura, ambos os colunistas “blogueiros” que dão prioridade ao material do jornal impresso.

Atualmente, outras empresas de comunicação têm incentivado seus jornalistas a manterem *weblogs*. A Folha de São Paulo estreou o Blog do Josias, onde o colunista Josias de Souza, que atende a versão impressa do jornal, divulga na web fatos exclusivos e frutos de investigação jornalística. Estas informações no

²⁸ http://www.facasper.com.br/jo/reportagens.php?tb_jo=&id_noticias=380

formato de notícias acabam ganhando espaço também na edição impressa do jornal do dia seguinte.

4.5.3 Fontes de informação no jornalismo

Ao classificar as fontes de informações em ciência e tecnologia, Cunha (2001) decidiu limitá-las em fontes formais e semiformais. O autor, no entanto, alerta que sua análise está voltada para as que confirmem qualquer conhecimento e que permitam serem incluídas numa determinada compilação bibliográfica. Cunha (2001), porém, ressalta que as informais também são importantes. Entre elas estão enquadradas aquelas que incluem o contato pessoal, cartas, comunicações orais e mensagens eletrônicas. Ele exemplificou que nas ciências, o chamado “colégio invisível dos cientistas” responde por 50 a 80% das informações em circulação.

Na área de jornalismo, conforme definição de Erbolato (2001, p.183), “tudo que o jornal publica é obtido nas fontes de informação”. O autor as classifica em fixas e fora da rotina. As fixas são aquelas nas quais os jornalistas recorrem todos os dias, como a polícia, o Corpo de Bombeiros, a prefeitura, câmara municipal ou centros de saúde. Já nas fora da rotina estão englobadas as fontes que são procuradas excepcionalmente, quando um fato exige determinado esclarecimento. Bahia (1990) acrescenta que, do ponto de vista formal, podem ser considerados fontes: o repórter, o correspondente, as agências noticiosas, as sucursais do interior e do exterior, os informantes, as entidades públicas e privadas, bem como os setores de relações públicas governamentais e privadas, além de amigos do pessoal do jornal e pessoal voluntário. O autor argumenta que “grande parte da credibilidade de um jornalista ou de um veículo repousa no uso que o jornalista faz de suas fontes na elaboração da notícia” (Bahia, 1990, p.38).

Com o advento da tecnologia digital, o jornalismo passa a contar com mais um aliado na busca de informações. As redes telemáticas podem ser utilizadas para auxiliar a apuração de matérias jornalísticas e com a adição de conteúdos complementares coletados pelos métodos tradicionais. O ambiente digital, conforme Machado (2003), estimula a elaboração de uma nova estrutura para a pesquisa, produção e difusão de dados. As novas ferramentas, como tecnologias de circulação e armazenamento de dados, exigem diferentes habilidades dos profissionais do jornalismo. Ou seja, na visão do autor, a tecnologia digital afeta não só os meios de

produção, mas também os próprios conteúdos. Koch (1991 apud MACHADO, 2003) acredita que o uso dos bancos de dados eletrônicos liberta os profissionais dos pontos de vista limitados expressos por especialistas e fontes oficiais. Com os novos recursos, os jornalistas podem ter acesso a um universo de fontes mais plural.

O estudo de Koch (1991 apud Machado, 2003) demonstra que, no modelo clássico, antes da matéria ser publicada, o jornalista deve encontrar os fatos, buscar os atores envolvidos e entrevistá-los. Na apuração eletrônica, antes do relato, o jornalista consulta dados armazenados ou fontes disponíveis no ciberespaço, entrevista os envolvidos e avalia o conteúdo das declarações tanto no espaço eletrônico, quanto nas páginas impressas. Neste contexto, estão incluídos os *Weblogs*.

4.5.4 Conclusão da Revisão de Literatura

Partindo-se das mudanças tecnológicas que alteram a comunicação e o fluxo da informação, os jornalistas passaram a assumir novos papéis. O ambiente digital agora pode ser usado para auxiliar na pesquisa e na busca de informações para a elaboração de conteúdos. Ao mesmo tempo, a velocidade imposta pelas redes telemáticas amplia a responsabilidade do profissional perante os conteúdos, uma vez que o tempo real exige decisões mais rápidas.

Entre a infinidade de publicações disponíveis no ciberespaço, os *weblogs* de jornalistas têm se configurado como fonte de informação para profissionais ligados aos meios de comunicação e, paralelamente, os “blogueiros” oferecem informações que podem ser usadas em veículos tradicionais.

Weblogs de jornalistas têm se proliferado na *web*, acompanhando a tendência da expansão da rede. Os pressupostos da presente pesquisa se baseiam no fluxo da informação multiorientada, definido por Barreto (1998), onde o receptor pode se posicionar em qualquer elo do processo, desde a geração, recuperação e difusão da informação.

No ambiente digital, a flexibilidade desprende a estrutura linear da informação e a leitura passa a ser associativa, aliada às características peculiares da internet, que são a interatividade e o compartilhamento. Desta forma a presente pesquisa

levanta três questões que norteiam este estudo: As publicações formais (jornais), utilizam *weblogs* jornalísticos como fonte de informação? Qual a opinião dos jornalistas sobre os *weblogs* especializados em informações jornalísticas como fonte de informação, compartilhamento, interatividade, relevância e fluxo de informações? Como é caracterizado o fluxo das informações publicadas em *weblogs* jornalísticos e utilizadas em publicações formais?

5 Procedimentos Metodológicos

Pesquisar significa procurar respostas para as indagações propostas, conforme recomendação de Silva; Menezes (2001), a busca deve ser feita por meio da adoção de um método de pesquisa.

Para atingir aos objetivos propostos, utilizou-se metodologias distintas, descritas a seguir. Neste caso, a pesquisa é exploratória, descritiva, documental, com abordagem qualitativa.

5.1 Análise de Jornal

Nesta etapa usa-se o método da pesquisa documental. O método é importante para a coleta de dados, uma vez que pode permitir uma percepção inicial sobre o assunto, por meio da análise de documento. O resultado, neste caso, pode complementar informações obtidas por outros métodos de coleta de dados, ratificando-os. Na presente pesquisa, o documento analisado foi o jornal impresso.

5.1.1 Universo de pesquisa e amostra

Para a análise do *weblog* como fonte de informação, na presente pesquisa, foi escolhido o primeiro caderno da Folha de São Paulo: A editoria²⁹ Brasil. A seção faz cobertura jornalística da vida política, institucional e dos movimentos sociais no país. Optou-se por um jornal de circulação nacional, para ampliar o foco do trabalho, já que o uso de *weblog* e da internet não está restrito a área geográfica. Em relação à escolha de uma área referente ao cotidiano foi para não se ater a seções como

²⁹ Na definição de Erbolato (2001), o jornal é dividido em editorias, ou seja, em seções responsáveis pelas orientações de matérias sobre determinados assuntos. São seções temáticas, sendo algumas permanentes, como Esportes ou Cidades.

informática ou entretenimento, nas quais o weblog poderia aparecer naturalmente, já que faz parte deste universo.

Fundado em 19 de janeiro de 1921, o jornal Folha de São Paulo está entre os maiores do país em termos de tiragem e circulação, com média de 350 mil exemplares em dias úteis e 430 mil aos domingos, conforme números auditados pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação), em março de 2006. Organizado em

cadernos temáticos diários e suplementos, o jornal é distribuído nacionalmente e afirma ser o primeiro veículo de comunicação do Brasil a oferecer conteúdo *online* a seus leitores.

O jornal é dividido em sete cadernos diários que abordam áreas temáticas e 13 suplementos semanais e um mensal. A divisão se dá por assunto e em editorias, ou seja, a divisão do jornal é feita em cadernos que são publicados diariamente e o suplemento é uma espécie de caderno temático, mas publicado com maior intervalo. Os cadernos diários são a Folha Brasil, Folha Ciência, Folha Cotidiano, Folha Dinheiro, Folha Esporte, Folha Ilustrada e Folha Mundo. Já os suplementos são a Folha Informática (circula as quartas-feiras), Equilíbrio (circula as quintas-feiras), Turismo (circula as quintas-feiras), Folhinha (circula aos sábados), Folhateen (às segundas-feiras), Mais! (aos domingos), Revista da Folha (aos domingos), Folha Veículos (aos domingos), Folha Construção (circula aos domingos), Empregos (aos domingos), Folha Negócios (aos domingos), Guia da Folha (às sextas-feiras), Sinapse (mensal, circula na última terça-feira do mês) e Folha Imóveis (circula aos domingos).



Figura 10: Reprodução da capa da Folha de São Paulo

Por um mês, o jornal diário a Folha de São Paulo foi monitorado diariamente a fim de verificar se informações publicadas em *weblogs* (fonte informal) tiveram espaço no veículo impresso (fonte formal). Desta forma, ultrapassando as barreiras do ciberespaço e ganhando registro num outro suporte, fora do ambiente digital.

As informações publicadas em *weblogs* foram identificadas por meio de citações feitas pelo próprio jornalista, autor da matéria. Neste caso, as leituras

diárias só puderam constatar as matérias surgidas no *weblogs*, quando o autor citava a fonte de onde a idéia inicial foi retirada.

5.2 Entrevistas

Gil (1991) classifica que a pesquisa é exploratória porque visa a proporcionar ao pesquisador uma maior familiaridade problema em estudo. O objetivo principal desta modalidade, segundo o autor, é o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.

A abordagem foi qualitativa, pois, segundo conceituação de Gil (1991), é baseada na interpretação de fenômenos e a atribuição de significados. O método considera que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

5.2.1 Universo de pesquisa e amostra

Antes de partir para a entrevista semi-estruturada, optou-se por selecionar os entrevistados, que nesta pesquisa são definidos como “especialistas”. Flick (2004) ressalta que o interesse da conversa não está na pessoa, mas na capacidade do entrevistado de ser um especialista para determinado campo ou atividade. Na presente dissertação são jornalistas com conhecimento em internet (*weblog*) e sobre a profissão.

Os entrevistados são profissionais que debatem freqüentemente na lista de discussão “Jornalistas da web”. O convite foi feito e, entre os que se dispuseram em participar da pesquisa, sete foram entrevistados *online*, por meio de comunicadores: Skype ou MSN, de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado.

O método foi escolhido porque a leitura de *weblogs* rompe as divisas geográficas, ou seja, por estarem disponíveis na web, os sites são acessados lidos por pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo. Sendo assim, a dissertação se focou nos jornalistas inscritos na lista em função da variedade de profissionais de diversas localidades, do conhecimento prévio que têm do uso da rede mundial de computadores e com o assunto em questão, que é o uso de *weblogs* por jornalistas.

O grupo é formado por três professores universitários com especializações na área de web, três jornalistas também especialistas em web, além de uma jornalista científica que atua no ambiente digital.

5.2.2 Entrevista semi-estruturada

A escolha do uso da entrevista semi-estruturada foi para que a conversa fluísse naturalmente. Ao mesmo tempo, o uso de um guia para a entrevista – um roteiro de perguntas (Anexo A) – evita que o assunto se desvie do objeto de pesquisa, como recomenda Flick (2004).

A pesquisa buscou a opinião de jornalistas usuários de *weblogs* jornalísticos sobre:

- a. instrumento de transmissão de informação que permite o compartilhamento de informação
- b. instrumento de transmissão de informação interativo
- c. instrumento de transmissão de informação que oferece conteúdo de relevância
- d. instrumento de transmissão de informação que favorece o fluxo multiorientado.

A conversa foi transcrita e posteriormente analisada conforme as regras definidas por Mayring (1993, apud Flick, 2004) em relação à análise qualitativa de conteúdo. Os textos das conversas foram selecionados e agrupados conforme o objetivo e variáveis propostos na dissertação a fim de atender a proposta da pesquisa e ao que se esperava interpretar com determinados dados.

5.2.2.1 Roteiro de coleta de dados:

Objetivos	Variável	Instrumento
Identificar se as publicações formais (jornais) utilizam <i>weblogs</i> jornalísticos	- Citação de <i>weblogs</i> ; - Fontes citadas	Monitoramento de publicações formais
Identificar a opinião de	- <i>weblogs</i> como fonte de	Entrevista semi-estruturada

jornalistas sobre <i>weblogs</i> especializados em informações jornalísticas como fonte de informação, compartilhamento, interatividade, relevância, fluxo de informações;	informações; - compartilhamento; - interatividade; - relevância; - fluxo de informações.	
Verificar a existência de um fluxo de informação multiorientado	- emissão - armazenamento - recuperação - uso - retroalimentação	- Observação de uma notícia em um <i>weblog</i> jornalístico

5.2.3 Observação de weblog

Numa terceira etapa, o presente estudo se focou na observação de um *weblog*. O escolhido foi o Blog do Noblat, um dos mais citados pelos jornalistas entrevistados na pesquisa. O suporte foi monitorado no dia 10 de fevereiro e para restringir o universo de observação foi escolhida uma matéria feita pelo jornalista e o acompanhamento de sua repercussão na mídia impressa e dentro do próprio *weblog*. A análise esteve voltada para as variáveis que caracterizam o fluxo de informação multiorientado como a emissão, armazenamento, recuperação e uso da informação.

5.3 Definições Operacionais

Antes de partir para a parte prática da dissertação fez-se necessária a definição das expressões e termos – que de alguma forma são considerados técnicos – adotados na definição do problema e que são alvo da investigação. A intenção é evitar que tais termos ganhem tom de ambigüidade e apresentar o significado no contexto deste estudo. Por isso, neste tópico optou-se por apresentadas as definições operacionais.

a. **Compartilhamento de informação** – atividade que envolve a participação (ter ou tomar parte) de duas pessoas ou um grupo de pessoas na troca de informação e na partilha de contextos.

b. **Interatividade** – Ação que envolve uma atividade recíproca de troca de informação, ou seja, Berlo (1999) explica que no processo de comunicação interativa emissor e receptor vão se influenciando mutuamente na produção e recepção de mensagens.

c. **Relevância** – O termo relevância está relacionado ao grau de importância da informação recuperada para o usuário, conforme definição de Le Coadic (1996). O autor argumenta que a relevância mede a correspondência que existe entre um documento e uma questão elaborada pelo usuário da informação, ou seja, tem a ver com a satisfação do usuário. Está baseada na busca de informações por um usuário dentro de um processo contínuo e interativo entre o usuário e fontes informacionais.

d. **Fluxo de informação multiorientado** – Le Coadic (1996) define o fluxo de informação como a circulação de considerável quantidade de informação por unidade de tempo. No meio eletrônico, a velocidade ocorre o que ele classifica como implosão do tempo e a explosão da informação. Barreto (1999) complementa o conceito ao acrescentar ao termo o aspecto multiorientado. Em sua avaliação, a velocidade oferecida pela comunicação eletrônica aumenta também a possibilidade de acesso, uso e até a assimilação da informação. Neste ambiente, o receptor se posiciona, virtualmente, em todos os elos da cadeia de geração, armazenamento e transferência da informação. Isto ocorre porque o receptor se desloca para o interior da rede, que dispõe de linguagens multimídia e multiplicidade espacial criada pela interconectividade em tempo real. Na definição de Barreto (1999), a interconectividade permite que o usuário gerencie suas necessidades de informação e passe a ser mediador na escolha de documentos. Ou seja, o usuário pode se deslocar de um espaço de informação para outro espaço de informação no momento em que desejar.

e. **Textos jornalísticos** – São relatos (narrativos) e comentários (argumentativos) publicados em um jornal, conforme definição de Chaparro (1998).

Os textos são classificados por gêneros, de acordo com sua abordagem. A notícia é um relato de acontecimentos, uma narração de fatos da contemporaneidade. Os comentários (editorial ou artigo assinado) têm por finalidade apresentar opiniões contextualizadas, mesmo ao utilizar argumentações para sensibilizar o leitor, essas opiniões estão fundamentadas por fatos e informações.

f. **Fonte Informal** – Conforme definição de Cunha (2001), nas fontes informais, estão enquadradas aquelas que incluem o contato pessoal, cartas, comunicações orais e mensagens eletrônicas. Na presente pesquisa, o weblog foi encaixado nesta classificação.

g. **Fonte Formal**. As fontes formais são documentos divididas por Grogan (1970 apud CUNHA, 2001) em três categorias, que incluem os documentos primários, secundários e terciários. O jornal impresso foi enquadrado nesta classificação por se tratar de um documento.

5.4 Pré-Teste

5.4.1 Descrição do pré-teste

Antes definir o método atual adotado nesta pesquisa, a ideia era promover debate com inscritos em listas de discussões sobre o tema da dissertação, no entanto, a possibilidade foi descartada após a realização de um pré-teste. Baseando-se nos objetivos e variáveis adotadas no projeto de pesquisa, as questões foram lançadas em duas diferentes listas, mas sem feedback expressivo por parte dos participantes. Como o método foi mal sucedido, optou-se pela entrevista semi-estruturada a partir de convite a participantes de uma outra lista de discussão (Jornalistas da Web). O contato direto com cada profissional rendeu longas conversas que puderam ser analisadas, de acordo com os objetivos propostos.

6 Análise dos Dados

6.1 Fonte formal

6.1.1 Observação do caderno Brasil da Folha de São Paulo

O alvo da pesquisa foram todas as matérias jornalísticas publicadas na editoria Brasil durante o mês de fevereiro de 2006. A análise se voltou para as matérias que citam *weblogs* como fontes de informação, excluindo, neste caso, qualquer matéria que diga respeito a assuntos onde o *weblog* foi notícia, como por exemplo, o lançamento de um *weblog* ou um *weblog* que tenha sido vítima de hacker.

Entendem-se como textos jornalísticos os relatos (narrativos) e comentários (argumentativos) publicados em um jornal. Conforme definição de Chaparro (1998), os textos são classificados por gêneros de acordo com sua abordagem. A notícia é um relato de acontecimentos, uma narração de fatos da contemporaneidade. Os comentários (editorial ou artigo assinado) têm por finalidade apresentar opiniões contextualizadas, mesmo ao utilizar argumentações para sensibilizar o leitor, essas opiniões estão fundamentadas por fatos e informações.

Durante um mês foram destacadas as matérias onde houve a citação de *weblog* como fonte de informação. Para a análise não foram consideradas as matérias de divulgação de *weblogs* – como lançamentos de *weblogs*, fraudes ou invasões – mas comentários ou reportagens que se basearam em informações publicadas nestes suportes.

No período de monitoramento foram verificados 15 casos de citações de *weblogs*, uma deu origem à reportagem de denúncia relacionada ao caso

denominado “Escândalo do Mensalão”. Com o título: “Dimas ofereceu R\$ 1,5 mi ao PTB, diz Jefferson”, publicada em 10 de fevereiro, a reportagem é baseada na entrevista que o deputado cassado Roberto Jefferson (PTB) concedeu ao *weblog* “Nos Bastidores do Poder”, do jornalista Josias de Souza. O depoimento completo de Jefferson já podia ter sido verificado pelos internautas no dia anterior, mas o veículo impresso resolveu fazer uma compilação da entrevista, com a devida citação da fonte. Veja a transcrição da matéria:

“O deputado cassado Roberto Jefferson (PTB) disse ontem, em **entrevista ao blog “Nos Bastidores do Poder”**, que, em abril de 2005, Dimas Toledo, ex-diretor de Furnas, esteve em sua casa e ofereceu uma mesada de R\$ 1,5 milhão do suposto caixa dois da estatal para o PTB.” (10 de fevereiro de 2006, p. A7)

Uma segunda reportagem, que teve o mesmo princípio, apresentou o título “PMDB não é indispensável, diz Berzoini”. A reportagem é baseada em entrevista do presidente do PT, Ricardo Berzoini, mas no decorrer do texto, os jornalistas consideraram necessário fazer uma referência à informação sobre o mesmo tema publicada dias antes em um *weblog* jornalístico. Neste caso, uma entrevista do ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu (PT), publicada no *weblog* do jornalista Ricardo Noblat, conforme o trecho a seguir:

“Na semana passada, **em entrevista ao blog do jornalista Ricardo Noblat**, Dirceu afirmou que “a chave da sucessão” está no apoio dos peemedebistas a Lula”. (14 de fevereiro de 2006. p. A6)

As demais publicações encontradas no caderno Brasil da Folha de São Paulo, durante o mês de fevereiro, são comentários feitos pelo jornalista Nelson Sá, que mantém a coluna Toda Mídia, publicada diariamente na Folha de São Paulo. O jornalista monitora os veículos de comunicação (jornais, revistas, televisão, rádio) em busca de informações novas e faz sua análise na edição do dia seguinte. A coluna Toda Mídia, conforme o levantamento, considera o *weblog* como veículo de mídia e freqüentemente usa o suporte como fonte de informação.

O primeiro caso do mês ocorreu em 3 de fevereiro, quando jornalista publica a coluna com o título “Onde está o Google?”. A publicação começa com a seguinte frase “Começou no blog Blue Bus. Júlio Hungria postou, sob o título Os garotos do Google vieram jantar aqui do lado, vc acredita?” Durante o mês, o colunista utiliza *weblogs* de jornalistas como fonte constante de informações para basear suas matérias.

As matérias destacadas citam *weblogs* e seus autores. Em determinados momentos fazem referências apenas ao nome do autor, como o Noblat (Ricardo Noblat), o Moreno (Jorge Moreno), entre outros. Outro termo usado para se referir ao suporte é a blogosfera. O nome é usado quando o jornalista analisa algum assunto específico que ganhou destaque em diferentes *weblogs*.

O jornalista cita como a blogosfera tem divulgado o caso e depois especifica o tipo de abordagem de cada. Outro fator que chama a atenção na análise das matérias publicadas é que em nenhuma delas o autor da matéria jornalística usou o termo *weblog*, mas sempre apenas a palavra *blog*. Veja a abaixo as notícias publicadas durante o mês de fevereiro, conforme mostra o quadro 2:

Quadro 2: Matérias que citaram *weblog* na Folha de São Paulo durante o mês de fevereiro:

Data	Título	Autor	Texto
03/02/2006	Onde está Google?	Toda mídia - Nelson de Sá	Começou no blog Blue Bus. Júlio Hungria postou, sob o título "Os garotos do Google vieram jantar aqui do lado, vc acredita?": - Na maior intimidade com Ipanema... ... que fora da capital a segurança -a cargo do Brasil- melhorou.
07/02/2006	Em Recuperação	Toda Mídia Nelson Sá	Daí para os blogs, como no caso de Fernando Rodrigues no UOL -com o governador paranaense Roberto Requião em ataque aberto às pré-candidaturas peemedebistas. Por fim, no blog de Josias de Souza na Folha <i>Online</i> , o acordo com o PTB. Aquele mesmo.
08/02/2006	Vaivém digital	Toda mídia - Nelson de Sá	Como destacou o blog de Fernando Rodrigues, no UOL, a cerimônia do pacote contou com a projeção de uma reportagem que foi ao ar no último dia 17 no "Jornal Nacional".
10/02/2006	Escândalo do "mensalão"/Lista de Furnas: Dimas ofereceu R\$ 1,5 mi ao	Josias de Souza	O deputado cassado Roberto Jefferson (PTB) disse ontem, em entrevista ao blog "Nos Bastidores do Poder", que, em abril de 2005, Dimas Toledo, ex-diretor de Furnas, esteve em sua casa e ofereceu uma mesada de R\$ 1,5 milhão do suposto caixa dois da estatal para o PTB.

	PTB, diz Jefferson -		
10/02/2006	Pizza! Pizza!	Toda mídia - Nelson de Sá	Para contraste, no registro de Jorge Bastos Moreno, de volta ao blog no <i>Globo Online</i> , "a agressividade de FHC contra Lula" nos últimos dias foi em reação às "ameaças de Furnas".
14/02/2006	Sem notícia	Toda mídia - Nelson de Sá	Se não bastasse, a Electronic Frontier Foundation denunciou no final da semana, ecoando do blog de Dan Gillmor ao site brasileiro IDG Now, da BBC.
14/02/2006	PMDB não é indispensável, diz Berzoini	Da reportagem local Da sucursal de Brasília	Na semana passada, em entrevista ao blog do jornalista Ricardo Noblat, Dirceu afirmou que "a chave da sucessão" está no apoio dos peemedebistas a Lula.
15/02/2006	O despertador	Toda mídia - Nelson de Sá	Anteontem, vale recordar, o blog de Josias de Souza na <i>Folha Online</i> ouviu o candidato petista no Rio, ... alarme de despertador para os partidos de oposição.
16/02/2006	Em campanha	Toda mídia - Nelson de Sá	E concorda o Blog do Alon: - São Paulo é um problemão para Lula. Desde a volta das diretas, ninguém ganha ... entre ele e os tucanos em São Paulo está diminuindo. Sobre o anti-Lula, seja quem for, o blog de Jorge Moreno no <i>Globo Online</i> também já ecoa preocupação geográfica.
17/02/2006	Jeitinho e tapetão	Toda mídia - Nelson de Sá	Lado a lado, José Serra e Alckmin pouco se olharam. Na saída O racha tucano levou o blog coletivo E-Agora ao limite. Eduardo Graeff, Augusto de Franco e Antonio...
20/02/2006	Pop pop pop	Toda mídia - Nelson de Sá	Nestes dias em que até a blogosfera brasileira, de Josias de Souza a Ricardo Noblat, se volta para os megashows de música pop, em "live blogging" e tudo mais, "Lula fala sobre biodiesel com Bono".
21/02/2006	Kudos	Toda mídia - Nelson de Sá	O blog de Jorge Moreno, no <i>Globo Online</i> , se vangloriava ontem de seu "acesso exclusivo aos camarins dos Stones".
22/02/2006	Entre números	Nelson de Sá	Em meio às especulações blogueiras sobre a pesquisa Datafolha, aliás, a começar do blog Amigos do Presidente Lula, ele mesmo "caiu na estrada", no

			<p>enunciado da agência Reuters.</p> <p>...</p> <p>O blog de Josias de Souza na Folha <i>Online</i> relacionou o que Alckmin levou para FHC, Tasso Jereissati e Aécio Neves. Entre outras coisas, ele insistiu que "não acredita que José Serra se disponha a disputar a vaga".</p>
23/02/2006	Como espuma	Toda Mídia - Nelson de Sá	<p>Nada do "JN", que não tem mais opinião formal. Mas desde a madrugada, na rede, o blog de Josias de Souza na Folha <i>Online</i> já sublinhava:</p> <p>- Foi entre os mais ricos que se registrou a maior reviravolta. Lula dobrou a votação entre aqueles que ganham mais de dez salários mínimos.</p>
24/02/2006	À vontade	Toda mídia - Nelson de Sá	<p>Desde a manhã, no UOL, o blog de Fernando Rodrigues já anunciava um cenário político "quase parando".</p> <p>- Alala-Ô! Como é bom ser deputado ou senador. Trabalho em plenário? Só depois de 7 de março... ACM vai para os EUA. Delcídio, para a Europa. Brasília às moscas.</p>

6.2 Análise das Entrevistas

Após a análise das edições do jornal Folha de São Paulo, foram feitas entrevistas com sete jornalistas, aqui chamados de especialistas, sobre como avaliam o *weblog* de informações jornalísticas quanto ao compartilhamento, fluxo de informação multiorientado, relevância da informação e interatividade. O grupo é formado por três jornalistas professores universitários com especializações na área de web, três jornalistas também especialistas em web e uma jornalista especializada em jornalismo científico, que atua no ambiente digital.

Além do monitoramento do jornal Folha de São Paulo que constatou que o *weblog* tem sido fonte de informação para jornalistas, os entrevistados na presente pesquisa reafirmaram o fato. Embora dois deles, no entanto, admitiram que percebem o uso, mas demonstraram dúvidas:

"Não sei (se é fonte). Vem sendo tentado", falou um deles. "É complicado considerar o blog hoje já como fonte de informação", disse um outro respondente. "Os jornalistas se citam muito... os blogs de jornalistas acabam servindo de fonte

para blogs de outros jornalistas... tem programa de TV que cita determinado jornalista e seu blog”, argumentou um professor universitário, porém ressaltou que acredita que o uso como fonte é mais comum entre *weblogs* do que na imprensa em geral.

a. Compartilhamento da informação

O compartilhamento de informação foi definido como ponto que só têm a contribuir com a proposta dos *weblogs* jornalísticos. Os respondentes disseram que o *weblog* promove a troca de informações entre jornalistas, ou seja, além da visão oficial dos fatos, nos *weblogs* podem surgir novas versões a serem verificadas. Um dos entrevistados argumentou que lê com frequência dois *weblogs* de ex- colegas de faculdade, de 20 anos atrás, e exemplificou: “São jornalistas bem informados, com bons contatos. Acabo descobrindo coisas antes das outras pessoas”.

b. Interatividade

Um professor universitário explicou que antes da possibilidade de interação oferecida pelo ambiente digital, o receptor só tinha a “coluna do leitor” nos jornais para se manifestar. No *weblog* especializado em jornalismo, ele pode ler opiniões de outras pessoas, como também emitir a sua. “Essa é a capacidade que encanta na internet”, resumiu um outro respondente jornalista. Na opinião dele, “a capacidade do leitor se tornar tão doutor quanto o jornalista, força o repórter a se esmerar na matéria”, ou seja, ele acredita que o fato de estar mais sujeito à crítica que nos veículos tradicionais, o emissor redobra sua preocupação com a qualidade do conteúdo.

c. Relevância da informação

Ao serem questionados se consideram que o *weblog* publica informações relevantes, houve falta de consenso entre o sim e o não, no entanto, todos relacionaram a relevância à credibilidade do “blogueiro”. Enquanto, uma respondente, professora universitária, disse “tenho certeza que sim”, todos os demais fizeram um longo discurso que relacionava o termo à credibilidade, mas

textualmente não disseram “não”, para argumentar se não tem relevância. Um jornalista, também professor de universidade, afirmou que “não acha que (o *Weblog*) seja um veículo para informações jornalísticas informativas ou de investigação. É raro isto acontecer. Blogs são opinativos”. Um professor universitário complementou: “Eu acho que o blog supre algumas funções informativas do jornalismo tradicional, como as colunas ou espaços de opinião, mas não se pode levar muito a sério o que sai em blogs”.

Uma outra respondente, especialista em jornalismo científico e também “blogueira”, disse que tem usado informações de outros *weblogs*, mas alertou para a necessidade das informações serem checadas, conforme as regras do jornalismo antes de serem reproduzidas e salientou: “acho que a questão da confiabilidade ainda é mais complexa”.

d. Fluxo de Informação Multiorientado

A possibilidade de o receptor participar da geração, processamento, difusão da informação é considerada como uma das principais vantagens do formato do *weblog*, uma vez que o espaço democrático abre a possibilidade dele escolher o caminho a percorrer, o documento a ser acessado e a reclamar em caso de não concordar com determinada abordagem (interconectividade). E essa característica foi apontada como um fator positivo. “Ele pode recuperar dados e emitir informações ao mesmo tempo”, disse uma professora universitária. Uma outra contribuiu com ponto de vista semelhante: “A informação tem que circular mesmo. A gente não produz informação, a partir de dados, para ela ficar restrita. Quanto mais pessoas tiverem acessando estes dados e estas informações, e estiverem refletindo sobre o assunto e criando sua opinião, eu acho que é melhor”.

Quando se fala em fluxo à questão da interatividade volta à tona e todos admitem que a manifestação dos receptores torna o emissor mais preocupado com a qualidade do conteúdo a ser divulgado.

6.2.1 Conclusão sobre as entrevistas

De forma geral, os entrevistados são unânimes ao admitir que os *weblogs* têm embasado o noticiário tradicional e muitos se utilizam deste método, mas todos vêm com preocupação e defendem que o jornalista não pode simplesmente reproduzir a informação disponibilizada pelos “blogueiros”, mas deve sim manter os procedimentos normais da profissão, que exige seleção e checagem dos dados e só então tornar a informação pública. Neste caso, uma definição que pode ser adotada é que o *weblog* funcionaria como um filtro de informações. O termo chegou a ser citado por dois dos entrevistados, sendo que um deles disse usar pouco o *weblog* como fonte, mas disse que recorre ao suporte quando tem um assunto específico e precisa de informações já selecionadas sobre determinado tema.

Ao invés de pesquisar informações em diversos sites da web, o jornalista pode ter alguns *weblogs* temáticos como fontes de informações. O termo filtro foi considerado apropriado para ser adotado ao analisar as demais entrevistas.

6.2.2 Questões adicionadas pelos entrevistados

As entrevistas levantaram alguns pontos negativos na relação entre emissor e receptor em *weblog* especializado em jornalismo, todas relacionadas à falta de intermediação na publicação do conteúdo. Entre as preocupações estão: o fluxo multiorientado possibilita que o receptor se torne emissor e selecione e publique informações de acordo com sua vontade, desta forma, a possibilidade de qualquer um interagir na rede gera desconfiança em relação à veracidade do conteúdo publicado, ou seja, a credibilidade das informações.

O primeiro tópico do roteiro de entrevistas abordava a questão da relevância e ao tocar no assunto, de forma unânime, surgiu a questão da credibilidade, confiabilidade ou necessidade de checagem das informações. Os termos surgiram espontaneamente durante a conversa e por isso se considerou necessária a abordagem do assunto, neste tópico da pesquisa. A recomendação dos entrevistados é que somente informações emitidas por fontes confiáveis sejam utilizadas. Neste caso, eles recomendam que o “blogueiro” seja um jornalista renomado no meio ou ligado a algum veículo tradicional. Seguem algumas citações dos dois diferentes entrevistados:

“Não posso deixar de considerar uma notícia de um Boechat (jornalista Ricardo Boechat) e uma outra de alguém desconhecido para determinar o peso igual de credibilidade”

“Noblat é um dos profissionais mais ricos em fontes que temos no Brasil. Cada vez que ele aciona uma delas e põe na rede... Deus e o mundo correm atrás dele”.

Em relação à falta de intermediação do conteúdo, seguem afirmações que chamaram a atenção na análise:

“Entre os leitores se diz muita bobagem, mas é um espaço que não existia”.

“Se o autor é um profissional de imprensa, estará sob as orientações de um código de ética e qualquer problema o consumidor da notícia tem como se socorrer de um prejuízo com a informação postada. Mas se tratando de alguém sem compromisso com o ofício de noticiar, vai que cause prejuízo com uma informação errada?”.

Um dos entrevistados, que é jornalista e autor de *weblog*, afirmou que a interatividade tem sido um desafio. Isso porque, como seu *weblog* é voltado para a análise do mercado de assessoria de imprensa, muitos profissionais aproveitam o recurso de comentários oferecidos pelo *weblog* para postar crítica e até comentários maldosos sobre as empresas concorrentes. Esse tipo de comportamento pode ser acobertado pelo uso do anonimato, uma vez que a ferramenta oferece esse recurso ao leitor. O entrevistado admitiu que muitas vezes é obrigado a “censurar” determinados “posts”, ou seja, excluí-los porque a função do debate, segundo ele, é discutir métodos de trabalho e troca de informações e não incitar disputas ou boatos.

Um outro respondente, também autor de *weblog*, admitiu que há assuntos que geram tanta repercussão que é difícil atender a demanda dos leitores. No espaço para comentários, os leitores sugerem novas abordagens (pautas) e fazem denúncias, mas nem sempre há possibilidade de atender a todos os pedidos. Porém, o entrevistado vê a interação como fator positivo para medir o interesse dos temas abordados e a definição de novos assuntos, mas ressalta que não chega a atender mais que 80% da demanda.

6.3 Observação de weblog jornalístico

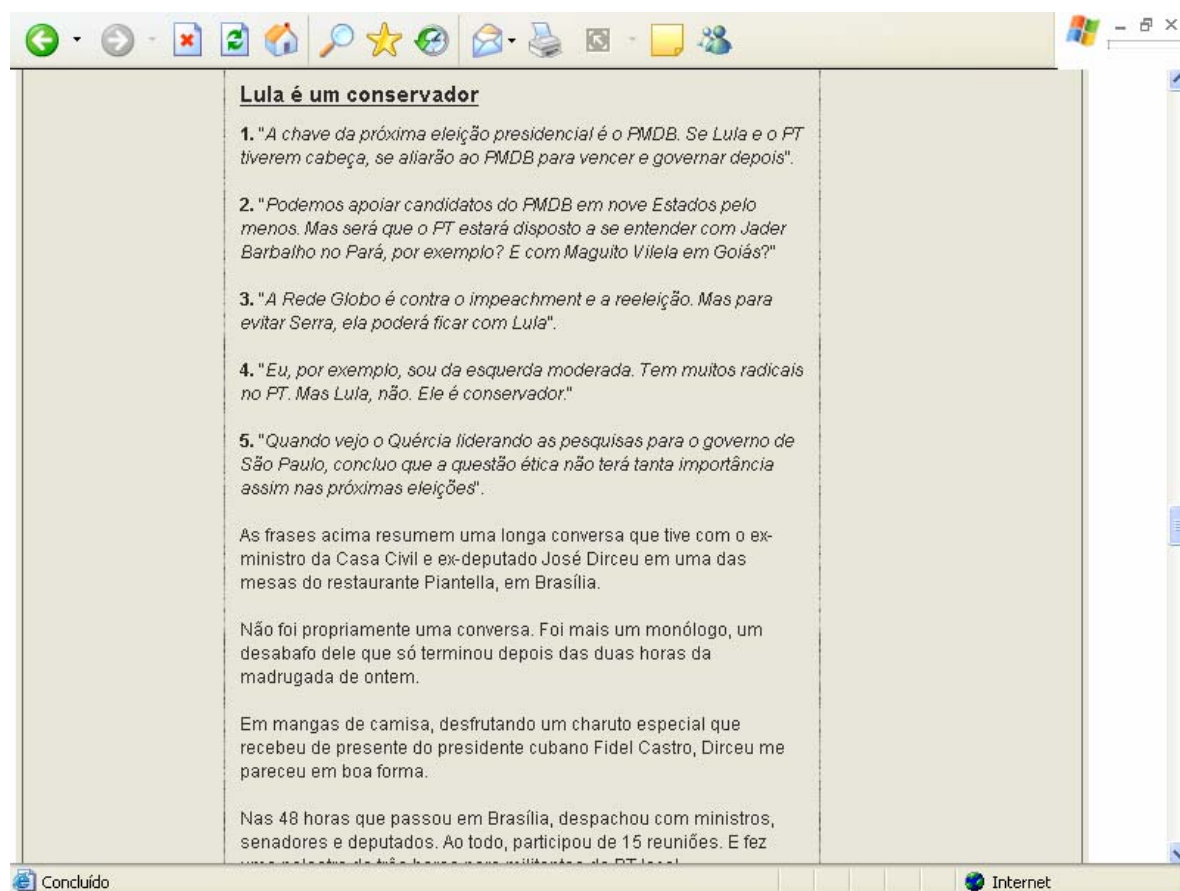


Figura 11: Reprodução da página onde foi veiculada parte da entrevista concedida por José Dirceu a Ricardo Noblat, publicada em 10 de fevereiro de 2006, às 9h03.

Após o monitoramento da editoria Brasil do jornal Folha de São Paulo e as entrevistas semi-estruturadas, adotou-se o monitoramento de um *weblog* para verificar como se dá a circulação de informações dentro do suporte. Para essa análise posterior foi escolhido o Blog do Noblat, um dos mais citados pelos jornalistas entrevistados na pesquisa. O que se pode perceber é que a interatividade, interconectividade e o compartilhamento são fatores preponderantes no suporte.

Tomando por base a entrevista que o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu concedeu, com exclusividade, ao "blogueiro", na figura 11, percebeu-se que, além de embasar o noticiário da Folha de São Paulo, dentro do próprio *weblog* a informação gerou novos fatos. O "post" resultou em 95 comentários de leitores, que vão desde críticas à forma como se deu a entrevista, até a elogios pelo material publicado. Outros postaram informações adicionais sobre o fato complementando a

discussão, com “links” para matérias publicadas nas edições recentes de jornais sobre o cenário político em questão.

Em um dos comentários, uma jornalista pediu desculpas por anteriormente ter adicionado uma informação errada ao debate. Informação que foi retirada de um veículo de mídia impressa (fonte formal):

“ERREI

*Devo desculpas a José Dirceu. Na semana passada, reproduzi neste espaço uma informação -assinada por um colega com quem já trabalhei e que julgava ser um jornalista responsável-, dizendo que o ex-deputado teria comprado uma moto Harley-Davidson V-Rod, no valor de R\$ 90 mil. Dirceu não comprou a Harley e não sabe dirigir motos”.*³⁰

Em outro caso, um leitor disponibilizou reportagem sobre um prefeito do PT envolvido em outras denúncias, também utilizando fonte formal. Desta vez, a situação não referente à política de Brasília, mas sobre um administrador petista que atuava como “coiote”, ou seja, intermediava entrada ilegal de brasileiros nos Estados Unidos:

*“Há duas semanas, ISTOÉ denunciou como opera e quem são os comandantes de uma organização criminosa que atua na região leste de Minas Gerais, responsável pelo envio irregular de brasileiros para os Estados Unidos. Reportagem, baseada em um depoimento prestado à Polícia Federal, apontava como líder da máfia do tráfico humano o prefeito de São Félix de Minas, Wanderley Vieira da Silva (PT)”*³¹.

No final do comentário o leitor disponibiliza o endereço do *site* onde os interessados poderão encontrar a reportagem na íntegra (http://www.terra.com.br/istoe/1851/brasil/1851_prefeito_coiote.htm). O endereço faz ligação com a versão *online* da revista Istoé (fonte formal), que tem publicação semanal, com circulação em todo o Brasil. Entre os comentários um rendeu, inclusive, um novo “post” do “blogueiro”, que se dirigiu especificamente a um leitor que fez críticas ao conteúdo de sua entrevista.

O título foi “Calçada da Fama - Para Sol”, como em referência ao destaque dado à crítica que ganhou espaço maior no debate. Segue o texto de Noblat:

³⁰ <http://noblat1.estadao.com.br/noblat/visualizarComentario.do?>, disponível em 10 de fevereiro de 2006.

³¹ *idem*

“Você escreveu em comentário à nota abaixo que não fiz determinadas perguntas ao ex-ministro José Dirceu”.

Há entrevistas e entrevistas, Sol.

Fiz questão de registrar que a conversa com o ex-ministro não foi propriamente uma entrevista. Foi mais um longo desabafo feito por ele e que eu escutei.

Se eu tivesse crivado o ex-ministro de perguntas, é bem possível que ele não as respondesse e ainda interrompesse o desabafo.

Jornalista não tem sempre que perguntar. Às vezes é mais importante ouvir apenas, deixar a pessoa falar à vontade.

Neste novo “post”, o jornalista recebeu 51 comentários, uns de apoio ao autor e outros em favor da leitora “indignada”, que também voltou a interferir.

“Bem, neste caso, se eu fosse jornalista minha carreira iria durar só 1 dia, pois tendo pela frente figuras como Dirceu eu o crivaria de tantas perguntas que ele sairia em disparada.

Obrigada por me responder.”

6.3.1 Fora do Ciberespaço

Além de repercutir entre os leitores do Blog do Noblat, a entrevista do ex-ministro José Dirceu foi citada também na mídia impressa. Neste caso, os jornalistas da Folha de São Paulo recuperaram trecho das declarações e publicaram numa reportagem ampliada no dia 14 de fevereiro, ou seja, quatro dias após a divulgação no *weblog* (fonte informal). O título era “PMDB não é indispensável, diz Berzoini”, como forma de prosseguimento as declarações que José Dirceu havia feito a Noblat. A reportagem é baseada em entrevista do presidente do PT, Ricardo Berzoini, mas no decorrer do texto, repercutindo declarações de Dirceu, Veja como os jornalistas se referem ao *weblog* como fonte:

“Na semana passada, em entrevista ao blog do jornalista Ricardo Noblat, Dirceu afirmou que “a chave da sucessão” está no apoio dos peemedebistas a Lula”. (p. A6)

Ainda fora do ambiente digital, a entrevista com Dirceu foi publicada pelo próprio Noblat no jornal O Estado de São Paulo. Segue reprodução da página eletrônica do jornal impresso, com acesso restrito para assinantes da versão impressa.

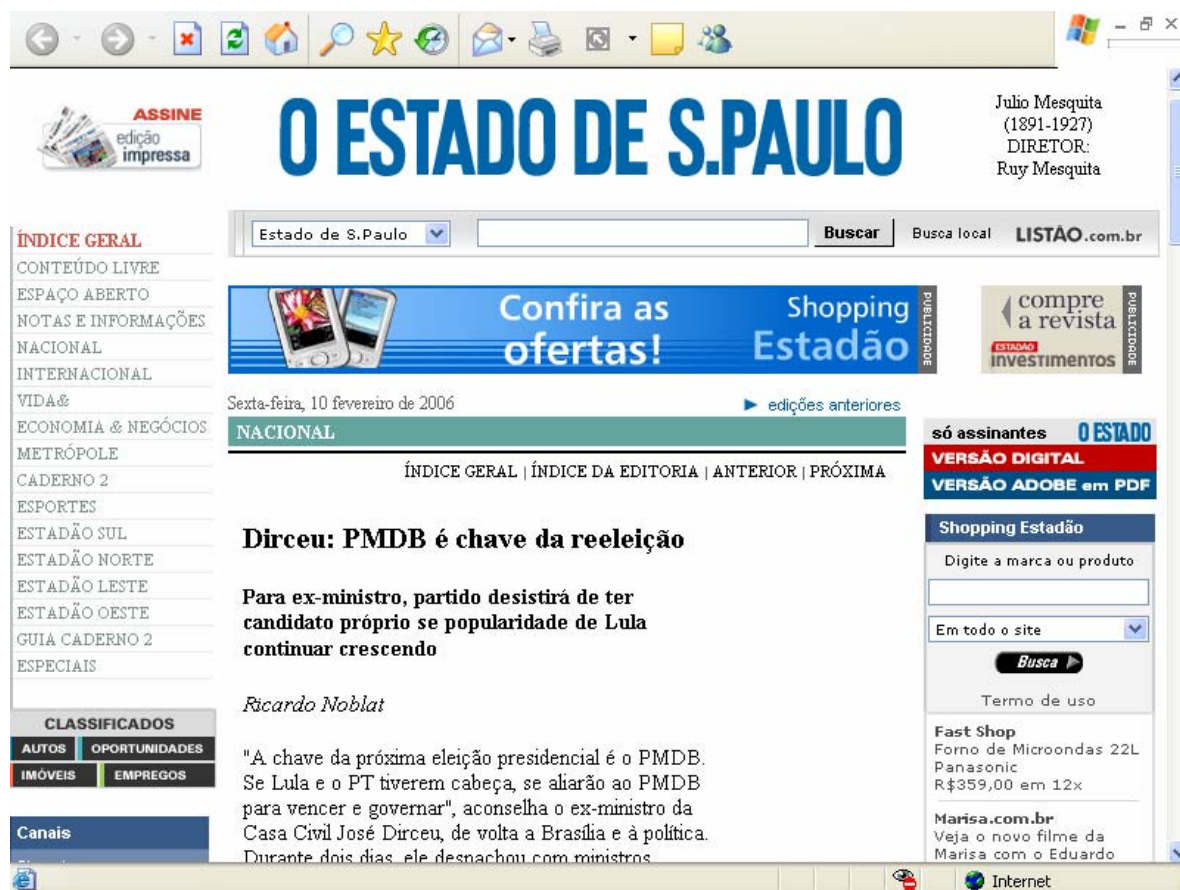


Figura 12: Reprodução da página do jornal O Estado de São Paulo, na qual foi publicada a reportagem de Noblat, sobre a entrevista de Dirceu.

Neste caso, a informação foi disponibilizada aos leitores no dia seguinte ao que foi postada no *weblog*, ou seja, na edição do jornal impresso no dia 11 de fevereiro de 2006.

6.3.2 Fora do veículo tradicional

Além do Blog do Noblat ser utilizado como fonte para os jornalistas, em veículos formais, o próprio “blogueiro” se utiliza da imprensa tradicional como fonte. Na observação ao suporte foi constatada a reprodução de conteúdo de outros veículos é um procedimento facilmente notado, pois os “posts” baseados em informações de terceiros têm indicado, logo abaixo do título, a origem do conteúdo, ou seja, de onde foi retirada a informação. Um exemplo é o “post” publicado às 18h13 do dia 10 de fevereiro de 2006, que tem o título “Juiz suspende pagamento a deputados e senadores” e logo abaixo atribuída a autoria à jornalista Denise Madueño, da Agência Estado. Neste dia, do total de 22 “posts” publicados pelo autor, 14 eram atribuídos a outras fontes, que incluem jornais impressos e rádios.

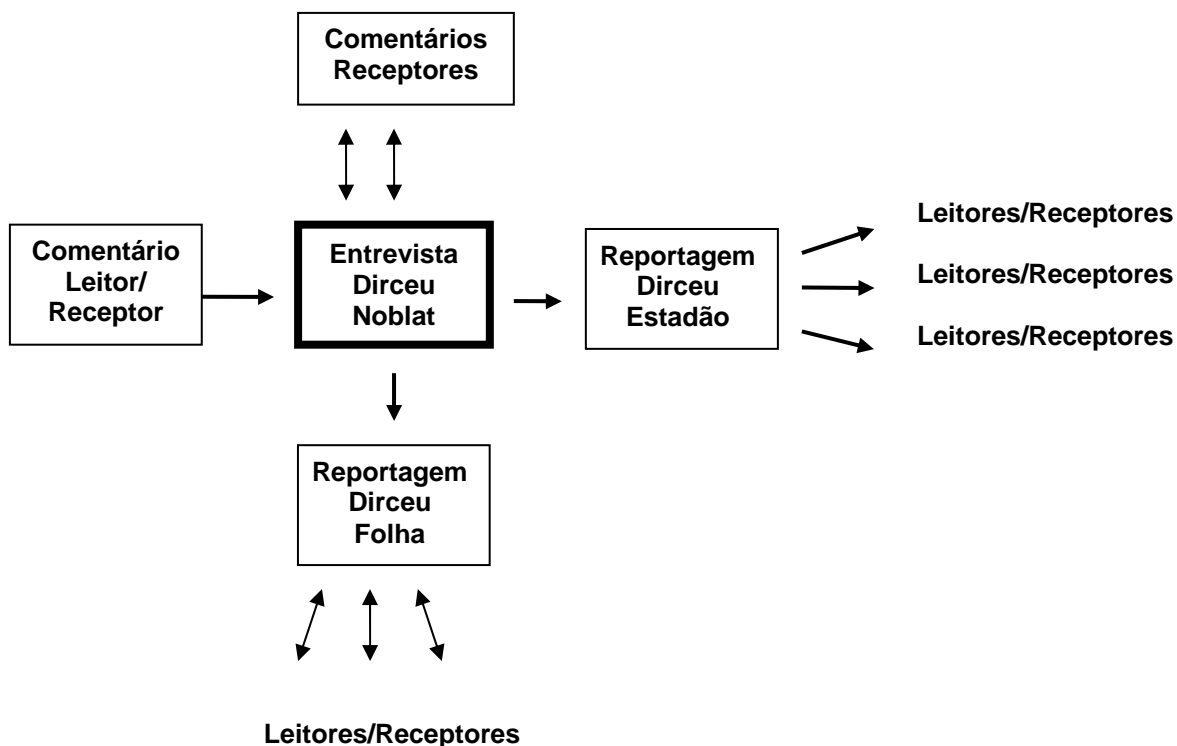


Figura 13: Observação da circulação da informação de entrevista do ex-ministro José Dirceu ao Blog do Noblat

Dentro do contexto de fluxo de informação multiorientado, onde o leitor participa de todos os elos do processo da comunicação, a figura ilustra a forma que a informação sobre a entrevista do ex-ministro a Ricardo Noblat circulou no ambiente digital e fora dele. Após ser publicado, no dia 10 de fevereiro, o assunto gerou repercussão dentro do ambiente digital, com comentários de receptores/emissor e emissor/receptores. Além disso, ao ser estampada em jornais, neste caso, no Estado de São Paulo e na Folha de São Paulo, há possibilidade de outras pessoas, que não tiveram acesso ao *weblog* terem lido. De volta ao ambiente digital, um leitor chegou a se utilizar de informações publicadas na revista Istoé, não relacionada ao tema, mas com relação à denúncia, postar no espaço de comentários uma nova informação para ser acrescida ao debate, iniciando-se assim uma nova circulação de informação.

Ao enquadrar o modelo dentro do fluxo multiorientado, a proposta fica assim:

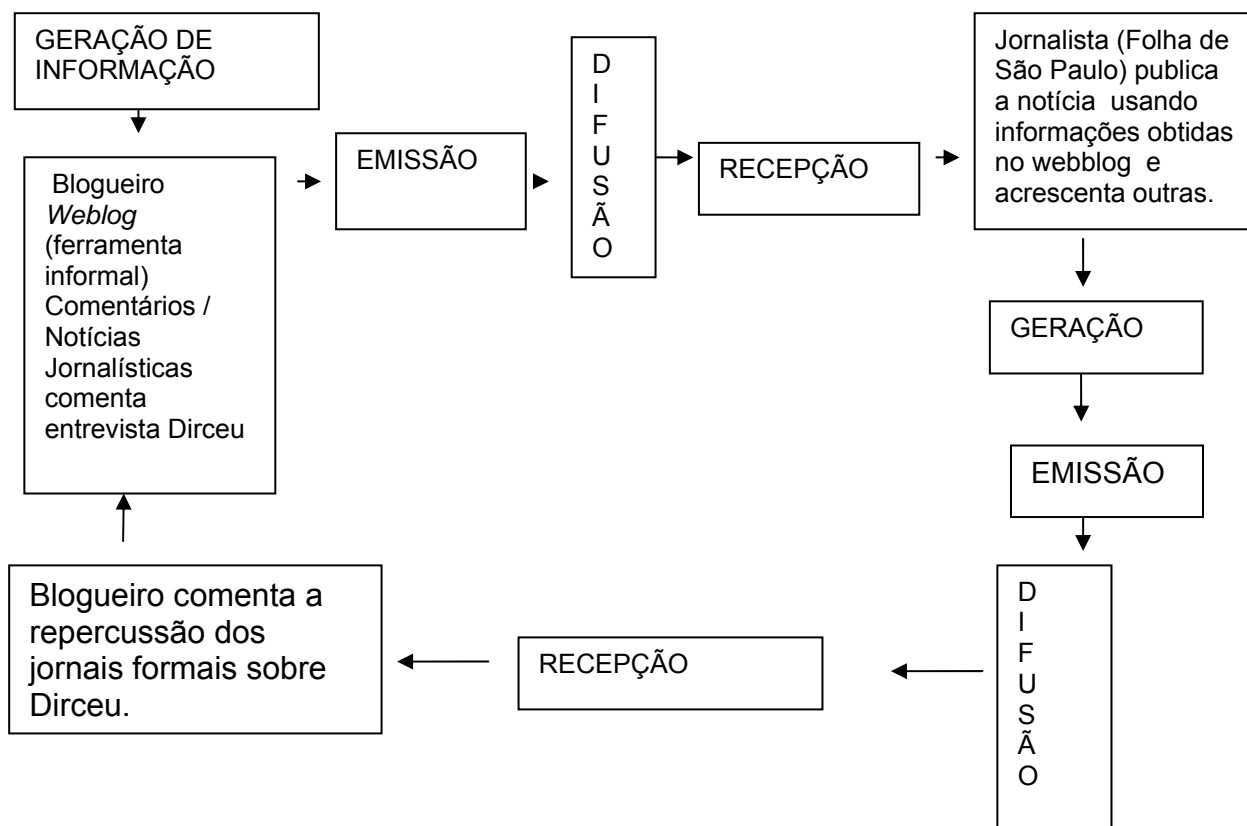


Figura 14: : A circulação de uma informação no weblog, de acordo com a definição do fluxo de informação multiorientado

7 Conclusão Geral

A presente pesquisa teve como objetivo “Verificar se os *weblogs* especializados em informações jornalísticas são utilizados como fonte de informação e a existência de um fluxo de informação multiorientado”. Para tanto, foram feitas entrevistas com jornalistas especializados na área de *web*, foram monitoradas as notícias em jornais que tinham como fonte de informação os *weblogs* e a circulação de uma informação dentro de *weblog* jornalístico. Os resultados comprovaram o uso de *weblog* como fonte para jornalistas e mostram que ficou evidente a premissa do fluxo multiorientado, que diz que a informação circula de forma tal que os papéis de emissor e receptor se alternam constantemente e continuamente.

A circulação de informação dentro do *weblog* é perfeitamente enquadrável no modelo elaborado por Barreto. No ambiente digital, o receptor de mensagens tem a mesma oportunidade de emitir, recuperar, armazenar e usar informação que o emissor. No entanto, os espaços são diferenciados. Enquanto a informação publicada pelo dono do *weblog* ganha destaque na capa da página inicial, no sistema, as mensagens postadas pelo receptor são encaminhadas para o item denominado comentários, que ficam logo abaixo do texto do “blogueiro”. Há casos de em um mesmo “post”, ou seja, conteúdo emitido pelo “blogueiro”, haver mais de cem comentários de receptores.

Entre eles pode-se encontrar “links” para assuntos complementares, em outros sites, outros *blogs* ou outros jornais, críticas sobre o conteúdo ou forma de abordagem do assunto e elogios. Há casos ainda de solicitações de novos temas a serem abordados. Quando um comentário de um receptor chama a atenção do emissor, ele acaba destacando o texto publicado nos comentários, que, neste caso, ganha espaço na página principal do *weblog*. Dentro do espaço de comentários, a troca de informações é constante, entre receptores e entre receptores e o emissor.

Assim, validando também as variáveis que foram alvo da avaliação dos entrevistados: compartilhamento, interatividade e relevância. Ou seja, no ambiente onde as informações são compartilhadas, há trocas de mensagens, os jornalistas podem encontrar informações relevantes que possam ser usadas para seu trabalho em veículos tradicionais. Muitos entrevistados admitiram que já se utilizaram deste recurso.

Os entrevistados apontaram que o compartilhamento e a interatividade são os fatores que chamam a atenção nos *weblogs*, ou seja, os fatores são vistos pelos especialistas como pontos positivos, que diferenciam a internet dos demais veículos de comunicação, em função do espaço público e democrático. Mas alertam que a nova forma de circulação de informação configura uma nova forma de relação entre emissor e receptor. Isso porque no fluxo multiorientado as informações se propagam com mais velocidade, que nos demais suportes de informação e também com muito mais rapidez que na interação social, entre seres humanos, como no diálogo formal, sem o auxílio de máquinas. Apesar de promover a interação e o compartilhamento, nem sempre as informações postadas pelos receptores são consideradas úteis.

Durante a coleta dos dados, um terceiro método foi desenvolvido: acompanhou-se o fluxo de uma informação publicada em *weblog* até seu registro num veículo formal, no caso jornal impresso. A medida foi adotada para verificar o fluxo da informação, fora também do meio digital. Se no fluxo multiorientado o receptor pode atuar desde a geração, difusão e armazenamento da informação, essa informação poderia então circular dentro e fora do ciberespaço, de acordo com a fonte que foi retirada. O monitoramento de jornal impresso comprovou que os veículos formais publicam informações originadas no ciberespaço, reproduzidas de *weblogs*. Já o monitoramento dos *weblogs* constatou que o ambiente digital também recorre aos veículos formais como fonte.

Ou seja, a definição de Barreto, no fluxo multiorientado, a circulação é válida para o ambiente eletrônico. Mas o que se sugere que a informação extrapola as fronteiras do ciberespaço e por meio dos emissores e receptores, ela acaba por circular em todas as esferas, num ciclo onde do formal para o informal a “rede hipertextual” rompe o ambiente digital. Enquanto no espaço da web, o assunto pode estar restrito a um grupo, no caso, aos que têm acesso à internet, quando a informação é veiculada em um meio de comunicação, neste caso o jornal impresso,

mas poderia ser também rádio e televisão, o acesso a essa informação tende a ser ampliado significativamente.

7.1 Estudos futuros

A falta de mediação no ambiente é apontada como um fator que pode prejudicar a qualidade da informação trocada e compartilhada em *weblogs*. A preocupação vem contra a própria estrutura da rede mundial de computadores, que é considerada um ambiente democrático, porém anárquico. Um dos assuntos sempre ressaltados pelos entrevistados é que uma informação inverídica pode causar prejuízo aos envolvidos e com a rápida disseminação no ambiente digital, a descoberta da “falha” e uma correção ficam comprometidas. A credibilidade e a confiabilidade das informações publicadas no *weblog*, de forma geral, sempre foram abordadas pelos entrevistados quando o assunto foi relevância da informação publicada no suporte.

Embora admitam que os jornalistas façam uso do veículo, todos alertam para a importância da checagem das informações e da verificação da idoneidade do “blogueiro” que emitiu a informação. A credibilidade do emissor foi sempre lembrada como preponderante para o acesso ao *weblog*. O que se percebeu é que esta avaliação, sobre a credibilidade do “blogueiro”, está relacionada à história profissional dele e no sucesso que ele já conquistou na profissão trabalhando em veículos formais. Neste caso, mesmo sem estabelecer critérios oficiais, os leitores de *weblogs* tomam a autoria como fator principal para se ler um *weblog* e buscar nele informações relevantes.

A credibilidade conferida a determinados “blogueiros”, que têm tido influência na imprensa pode ser mais bem explorada em estudos futuros, como também a relação dos emissores com os receptores no *weblog*. Se a proposta a interação e o compartilhamento, onde todos são emissores e receptores, é apontada como característica principal do suporte digital, como lidar com situações onde os receptores não contribuem para a colaboração na *web*? Qual seria o melhor comportamento do emissor para lidar com este caso? Seria necessária medida como censura do conteúdo, ou seja, a exclusão de “posts” que não contribuem ao debate? A relação entre emissor e receptor, no que diz respeito à interatividade, foi apontada como um desafio para quem tem *weblog*.

8 Anexo A – Roteiro de Entrevista

Instrumento de Coleta de Dados

I –

Nome

Formação

Cargo que ocupa

Setor que trabalha

II – Costuma ler *weblogs*?

III – Já usou *weblog* como fonte de informação?

IV – Avaliação do *weblog* como:

- instrumento de transmissão de informação que permite o compartilhamento de informação
- instrumento de transmissão de informação interativo
- instrumento de transmissão de informação que oferece conteúdo de relevância
- instrumento de transmissão de informação que favorece o fluxo multiorientado.

9 Referência Bibliográfica

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990. v. 2. 253 p. Básica universitária.

BERLO, David K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e a prática**. 9. ed. Tradução de Jorge Arnaldo Fontes. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 330 p.

BLOOD, Rebecca. **Weblogs: A History and Perspective**. 7 de setembro, de 2000. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html> Acesso em: 1 jun. 2005.

BARRETO, Aldo. **Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica**. Ciência da Informação, Brasília, v. 27, n. 2, p. 122-127, maio/ago. 1998.

BARRETO, Aldo. **Os Destinos da Ciência da Informação: entre o cristal e a chama**. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - n. zero dez/99. Disponível em <http://www.dgz.org.br/dez00/Art_02.htm> Acesso em: 23 abr 2006.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CAMPOS, Carlita Maria. **Fontes de informação especializada: características e utilização**. Belo Horizonte: UFMG, 1988. 143 p.

CARDOSO, A.M.P. **Pós-modernidade e informação: conceitos complementares**. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan./jun. 1996.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. V. 1. Tradução: Roneide Vanâncio Majer; São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**; tradução Maria Luiza Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

CAVALCANTI, Cordelia Robalinho. **Da Alexandria do Egito a Alexandria do espaço: um exercício de revisão de literatura**. Brasília: Thesaurus, 1996. 229 p.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar.** Santarém. Jortejo, 1998.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia.** Brasília: Briquet de Lemos, 2001. 168 p.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário.** 5 ed. São Paulo: Ática, 2001.

FELIX, Jorge. **Blog Executivo – Companhias e funcionários usam weblog como meio de informação empresarial.** Valor Econômico, Valor Eu &, São Paulo. Ano 5 - N°240, p. 10-13, abr. 2005.

FRANCO, Carlos. et. Al. **O desafio dos blogs corporativos.** Biblioteca Terra Fórum Consultores. Disponível em: <www.terraforum.com.br>. Acesso em: 27 ago. 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1991.

GRANADO, Antônio; BARBOSA, Elizabete. **Weblogs – Diário de Bordo.** Porto – Portugal: Porto Editora Ltda, 2004.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência.** Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2001. 196 p.

GUTIERREZ, Suzana S. **Mapeando caminhos de autoria e autonomia: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de educadores que cooperam em comunidades de pesquisadores.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Porto Alegre. 2004

LAGE, Nilson. A reportagem: **Teoria e Técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Editora Record, 4ª edição, 2004.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação.** Tradução de Maria Yeda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. 119 p.

LEITE, André L. **Aventuras de um “blogueiro” acidental.** Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=330ENO001>> Acesso em: 22 set. 2005.

LEMOS. André. **Agregações eletrônicas ou comunidades virtuais? Análise das listas facom e cibercultura.** Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/agregacao.htm>> Acesso em: 28 out. 2005.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999 (a).

LÈVY, Pierre **A Inteligência Coletiva – por uma antropologia do ciberespaço** 2ed. São Paulo, SP: Loyola, 1999 (b).

LÈVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **O Que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996. 160p.

_____. **A Revolução Contemporânea em Matéria de Comunicação**. In MARTINS, Francisco M. e SILVA, Juremir M. da. Para Navegar no Século XXI. Tecnologias do Imaginário e da Cibercultura. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1999 (c).

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003. 188 p.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS. Porto Alegre. nº 15, p. 74-82 agosto 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. Série Comunicação e Jornalismo. 2ª edição. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MATOS, J. A Metello. **Sociedade do conhecimento - da Teoria de Sistemas à Telemática**. Brasília: ESAF; Editora Universidade de Brasília, 1982. 512p.:il. cadernos da UNB.

MC GARRY, Kevin. **O Contexto dinâmico da informação: Uma análise introdutória**. Tradução Maria Helena Vilar de Lemos. Brasília, DF: Briquet Lemos, 1999.

MCQUAIL, Denis. **Communication models for the study of mass communication**. 2 ed. Londres. Longman, 1993.

MEADOWS, J. **Comunicação**. Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 25, n. 2, jul/dez. 2001.

MIRANDA, Antonio. **Ciência da informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Organização de Elmira Simeão. Brasília: Thesaurus, 2003. 212 p.

NOVAK, M.; TOMMASO S. **O quinto poder**. Faculdade Casper Líbero. São Paulo. 22 set. 2005. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/jo/reportagens.php?tb_jo=&id_noticias=380 > Acesso em: 25 set. 2005.

PRIMO, Alex. **Interação Mútua e Interação reativa: uma proposta de estudo**. 1998. Disponível em: < <http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/intera.htm> > Acesso em: 2 jun. 2005.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia.** In: VII Seminário Internacional da Comunicação, 2003, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre, 2003.

RECUERO, Raquel. **Weblogs Webrings e Comunidades Virtuais.** In: VII Seminário Internacional de Comunicação, 2002. Porto Alegre. Anais. Porto Alegre, 2002

RECUERO, Raquel. **Comunidades Virtuais – uma abordagem teórica.** 2001. Disponível em: < www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm > Acesso em: 2 jun. 2005.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação.** Brasília: Thesaurus, 2003. 245 p.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community: homesteading on the electronic frontier.** Massachussetts: Addison-wesley. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 12 jun. 2005.

SÁ, Nelson. **Blogs políticos conquistam cada vez mais adeptos e leitores.** Folha de São Paulo. São Paulo. 28 jun. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u67075.shtml>> Acesso em: 22 set. 2005.

SAAD, Elisabeth. **O jornalista (brasileiro) na sociedade da informação: repórter da realidade, arquiteto da virtualidade.** Disponível em: <<http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/beth/jornalista-brasileiro-na-era-da-informacao.pdf>> Acesso em: 28 mai. 2005 (a).

SAAD, Elisabeth. **A hora e a vez do arquiteto no mundo da informação digital.** Disponível em: <<http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/beth/proempaper>> Acesso em: 28 mai. 2005 (b).

SETZER, V. **Dado, informação, conhecimento e competência.** DataGramZero - Revista de Ciência da Informação, n. 0, dez. 99. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez99/F_I_art.htm> Acesso em: 11 ago. 2005.

SILVA, E.L.; Menezes E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação/Edna Lúcia da Silva, Eстера Muszkat Menezes.** – 3. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

SILVA, J.A. Barbosa. **Mãos na mídia: Weblogs, apropriação social e liberação do pólo da emissão.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, da UFBA (Universidade federal da Bahia), Faculdade de Comunicação, Salvador, 2003. (a)

SILVA, J.A. Barbosa. **Weblogs: Múltiplas utilizações e um conceito.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.

Trabalho apresentado no Núcleo de Tecnologias da Informação e da Comunicação. 2003 (b)

TUBBS, S.L.; MOOS, S. **Human communication: principles and contexts**. New York: McGraw-Hill, 2003.

9.1 “links” Consultados

<http://webjornal.blogspot.com/>

Weblog coletivo criado no âmbito do Mestrado em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho, de Portugal.

<http://phdweblogs.net>

Weblog centralizador de *weblogs* relacionados a alunos que desenvolvem pesquisas em nível de doutorado. Os pesquisadores podem ser consultados por países de origem, áreas de pesquisa ou língua.

<http://weblogg-ed.com/>

weblog que fornece sugestões sobre a utilização de *weblogs* em todos os níveis do ensino, além de disponibilizar artigos científicos e recursos disponíveis para a criação de *weblog* voltado para o ensino.

<http://www.technorati.com/>

Empresa que mede o número de diários virtuais publicados na *web*,

<http://www.weblogger.com> e <http://www.weblogger.com.br>

Empresas que oferecem ferramentas gratuitas para o gerenciamento e publicação do *weblog*.

<http://www.zamorim.eti.br>

Zamorim é considerado o pioneiro na publicação através de *weblogs*.

<http://fastlane.gmblogs.com> blog da GM

Weblog criado pela GM (General Motors) e que é mantido por altos executivos da corporação.

<http://blogs.msdn.com> blogs

Weblog disponibilizado pela Microsoft para seus funcionários, como forma de *weblogs* corporativos.

http://www.iaocblog.com/blog/_archives/2005/3/4/396555.html

Weblog da International Association of *Online* Communicators – Associação Internacional de Comunicadores *Online*.

<http://www.scripting.com/>

Weblog Scripting News é considerado o *weblog* mais antigo existente.

<http://www.blogdonoblat.com.br>)
Weblog do jornalista Ricardo Noblat

<http://oglobo.globo.com/online/blogs/moreno/>
Blog do jornalista Jorge Bastos Moreno

<http://marcelotas.blog.uol.com.br/>
Marcelo Tas